



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROP
COORDENAÇÃO DO MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E CULTURA**

MIRNA BISPO VIANA SOARES

**CONCEITOS E TIPOLOGIAS DA INTERTEXTUALIDADE EM PORTAIS WEB
EDUCATIVOS COM TEMÁTICA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**TERESINA-PI
2020**

MIRNA BISPO VIANA SOARES

**CONCEITOS E TIPOLOGIAS DA INTERTEXTUALIDADE EM PORTAIS WEB
EDUCATIVOS COM TEMÁTICA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Franklin de Oliveira Silva.

**TERESINA-PI
2020**

S676c Soares, Mirna Bispo Viana.
Conceitos e tipologias da intertextualidade em portais web
educativos com temática de ensino de língua portuguesa / Mirna
Bispo Viana Soares. – 2020.
107 f.: il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do
Piauí – UESPI, Programa de Pós-Graduação em Letras,
2020.

“Orientador Prof. Dr. Franklin de Oliveira Silva.”

1. Intertextualidade. 2. Portais Web Educativos.
3. Conceitos e Tipologias de Intertextualidade. I. Título.

CDD: 469.07




GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

TERMO DE APROVAÇÃO

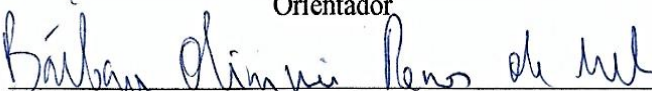
**TIPOLOGIAS DA INTERTEXTUALIDADE EM PORTAIS WEB EDUCATIVA COM
TEMÁTICA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.**

MIRNA BISPO VIANA SOARES

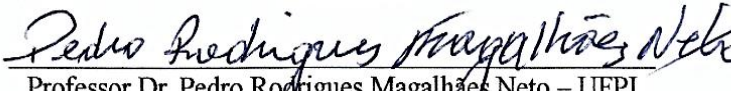
Esta dissertação foi defendida às 15h, do dia 06 de maio de 2020, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Letras** pela Universidade Estadual do Piauí. A candidata apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho Aprovado..... (Aprovado, não aprovado).



Professor/Dr. Franklin Oliveira Silva – UESPI
Orientador

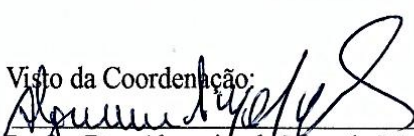


Professora Dra. Bárbara Olímpia Ramos de Melo – UESPI
1ª examinadora



Professor Dr. Pedro Rodrigues Magalhães Neto – UFPI
2º examinador

Visto da Coordenação:



Profa. Dra. Algemira de Macedo Mendes
Coordenadora do Mestrado Acadêmico em Letras da
UESPI

Rua João Cabral, Nº 2231 - Pirajá – CEP: 64.002-150 Teresina -PI
Telefone (86) 3213-2547 / 3213 – 7942

*Ao meu filho querido Benício Viana Lopes
com amor infinito.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador e amigo, prof. Dr. Franklin de Oliveira Silva, pela competência, paciência e respeito com que conduziu este trabalho.

À profa. Dra. Silvana Maria Calixto de Lima pelas valiosas contribuições quanto ao projeto desta dissertação.

À profa. Dra. Bárbara Olímpia Ramos de Melo pelas excelentes sugestões no Exame de Qualificação.

Ao grupo de estudos Getexto pelas discussões de trabalhos que enriqueceram nossos conhecimentos.

À turma do Mestrado Acadêmico em Letras, UESPI 2018/2020, pelo compartilhamento de experiências e saberes.

Enfim, à todas e todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desta pesquisa. Muito obrigada!

“Nenhum texto pode ser tomado isoladamente, desvinculado de qualquer outro, mas, sim, em sua intrínseca relação com outros exemplares textuais”.

(Mônica Magalhães Cavalcante)

RESUMO

Os portais web educativos consistem em importantes meios de propagação de múltiplos e variados conhecimentos, entre os quais, o tema Intertextualidade imprescindível aos processos de ensino-aprendizagem na disciplina de Língua Portuguesa. Diante dessa situação, chamou-nos atenção à maneira com que os portais educacionais tratam o tema em questão no que tange aos conceitos e tipologias intertextuais. Assim, esta dissertação teve como objetivo geral investigar a intertextualidade explicada nesses recursos digitais e, para tanto, delimitamos como objetivos específicos: verificar as explicações dos conceitos e tipologias/categorias da intertextualidade, abordados didaticamente através de exemplares de textos/gêneros expostos nos portais web educativos; analisar os conceitos e tipologias da intertextualidade nos portais com base no aporte teórico da LT e Teoria dos gêneros à luz dos postulados de Bakhtin (2016), Marcuschi (2008), Bazerman (2006, 2011), Koch, Bentes e Cavalcante (2012). Metodologicamente, esta pesquisa foi caracterizada como qualitativa através da interpretação e análise dos dados. O corpus se constituiu em figuras de três portais educativos distintos, *munodoeducação.com*, *português.com* e *brasilecola.com*. As análises realizadas revelaram que os conceitos de intertextualidade nos portais web educativos distanciam-se da proposta teórica da LT, no qual cada portal traz conceitos distintos e confusos baseados no senso comum, por isso, firmamos o entendimento de que o conceito deve abranger os aspectos textuais, discursivos e genéricos interdisciplinarmente. Observamos que os exemplares de textos e gêneros expostos nos portais são predominantemente literários, sendo que a LT fundamenta seus postulados nas análises de textos diversificados (verbais, não verbais e/ou mistos). Verificamos, também, que as tipologias intertextuais dispostas nos portais educativos se repetem e restringem-se às intertextualidades explícitas e implícitas da categoria *stricto sensu* de Koch, Bentes e Cavalcante (2012). Em decorrência disso, ampliamos as análises dos textos ao relacionarmos as propostas dessas autoras com as tipologias de Bazerman (2011). Portanto, demonstramos que é possível investigarmos os conceitos e tipologias da intertextualidade, aproximando teorias que se auxiliam nos processos de análises das relações intertextuais.

PALAVRAS-CHAVE: Intertextualidade. Conceitos e Tipologias de intertextualidade. Portais web educativos.

ABSTRACT

The educative web portals consist of important means of propagating multiple and varied knowledge, including the theme Intertextuality, that is essential to the teaching-learning processes in Portuguese language discipline. In light of this situation, our attention was drawn to the way in which educational portals deal with the topic in question, in terms of intertextual concepts and typologies. Therefore, this dissertation had as its general objective to investigate the intertextuality explained in these digital resources, and for that, we delimited as specific objectives: to verify the explanations of the concepts and typologies / categories of intertextuality, approached didactically through samples of texts / genres exposed on the educative web portals; to analyze intertextuality's concepts and typologies on the portals based on the theoretical contribution of the Text Linguistics and Theory of genres, in the light of the postulates of Bakhtin (2016), Marcuschi (2008), Bazerman (2006, 2011), Koch, Bentes and Cavalcante (2012). Methodologically, this research was characterized as qualitative through the interpretation and analysis of the data. The corpus has been consisted of figures from three different educative portals, Mundoeducação.com, Português.com and Brasilescola.com. The performed analyzes revealed that the intertextuality's concepts on the educative web portals are distant from the theoretical proposal of the Text Linguistics, in which each portal brings different and confusing concepts based on common sense, therefore, we establish the understanding that the concept must cover the textual, discursive and generic aspects interdisciplinarily. We observed that the samples of texts and genres displayed on the portals are predominantly literary, being that the Text Linguistics bases its postulates on the analysis of diversified texts (verbal, non-verbal and / or mixed). We also verify that the intertextual typologies displayed in the educative portals are repeated and restrict themselves to the explicit and implicit intertextualities of the stricto sensu category by Koch, Bentes and Cavalcante (2012). Due to that, we expanded the analysis by relating the proposals of these authors to the typologies of Bazerman (2011). Thus, we demonstrate that it is possible to investigate the concepts and typologies of intertextuality by approaching theories that help each other in the analysis processes of intertextual relations.

KEYWORDS: Intertextuality. Concepts and typologies of intertextuality. Educative web portals.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Práticas hipertextuais	23
Quadro 2 – Relações de Copresença e Derivação.	26
Quadro 3 – Tipologias de intertextualidade em sentido amplo e em sentido estrito.....	31
Quadro 4 – Tipologias de intertextualidade <i>stricto sensu</i> e <i>lato sensu</i>	35
Quadro 5 – A complexidade de abordagens teóricas das tipologias de intertextualidade	36
Quadro 6 – Tipologias de Intertextualidade explícita e implícita.....	44
Quadro 7 – Quadro de comparação teórica da explicitude intertextual no cartaz do portal “mundoeducação”	74
Quadro 8 – Quadro de comparação teórica da implicitude intertextual na canção “Espinho na roseira” do portal “mundoeducação.com”	78
Quadro 9 – Quadro de comparação teórica da explicitude intertextual na canção “Tudo Vale a pena” do portal “português.com”	83
Quadro 10 – Quadro de comparação teórica da explicitude intertextual no cartum do portal “português.com”	87
Quadro 11 – Quadro de comparação teórica da implicitude intertextual no poema de Jô Soares no portal “português.com”.	91
Quadro 12 – Quadro de comparação teórica da implicitude intertextual no poema “Europa, França e Bahia” no portal “português.com”	92
Quadro 13 – Quadro de comparação teórica da explicitude intertextual no anúncio publicitário da empresa Hortifruti no portal “brasil.escola.com”	97

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Conceito de Intertextualidade “Dialogismo”.....	60
Figura 2 – Conceito de Intertextualidade “influência de um texto sobre outro”	62
Figura 3 – Concepção de intertextualidade “relação com textos fontes literários” ..	64
Figura 4 – Conceito de intertextualidade e a teoria da Polifonia	67
Figura 5 – Tipologia da Intertextualidade na legenda da imagem	69
Figura 6 – Poema “Quadrilha” e Cartaz	70
Figura 7 – Canção “Flor de idade”.....	74
Figura 8 – Canção “Espinho na roseira”.....	76
Figura 9 – Explicação da intertextualidade e a relação entre gêneros	78
Figura 10 – Canção “Tudo vale a pena”.....	81
Figura 11 – Cartum “Vida de passarinho” e poema “No meio do caminho”.....	85
Figura 12 – Concepção de Citação.....	88
Figura 13 – Concepção de Paródia.....	89
Figura 14 – Concepção de Paráfrase.....	91
Figura 15 – Intertextualidade Explícita e Intertextualidade Implícita.....	94
Figura 16 - Anúncio publicitário da empresa Hortifrúti.....	95
Figura 17 – Cartaz do filme “Tropa de Elite”.....	96
Figura 18 – Anúncio publicitário da empresa Nestlé	98

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 CONCEITOS E TIPOLOGIAS INTERTEXTUAIS.....	16
2.1 O aspecto interdisciplinar no conceito de intertextualidade.....	16
2.2. Os primórdios das tipologias da intertextualidade.....	21
2.3 O continuum tipológico das relações intertextuais: intertextualidades por Copresença e Derivação.....	25
3 INTERTEXTUALIDADE EXPLÍCITA E INTERTEXTUALIDADE IMPLÍCITA NAS ABORDAGENS DA LINGUÍSTICA TEXTUAL E TEORIA DOS GÊNEROS	29
3.1. Intertextualidade intergenérica (intergenericidade).....	34
3.2 Intertextualidade em textos verbo-imagéticos e funções das relações intertextuais	38
3.3 As relações intertextuais explícitas e implícitas na teoria dos gêneros	41
3.3.1 Gêneros, textos e suportes de gêneros: definição dos portais web educativos	44
4 METODOLOGIA	49
4.1 Classificação da pesquisa e método	49
4.2 Objeto de pesquisa, constituição e delimitação do corpus	50
4.3 Categorias de análises e etapas de investigação	52
5 ANÁLISES DOS DADOS: CONCEITOS E TIPOLOGIAS DA INTERTEXTUALIDADE NOS PORTAIS WEB EDUCATIVOS	58
5.1 Sobre os conceitos de intertextualidade nos portais web educacionais.....	59
5.2. As tipologias da intertextualidade nos portais web educativos.....	68
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS.....	104

1 INTRODUÇÃO

A intertextualidade consiste em um tema importante a ser explorado no ambiente escolar por professores de diversas disciplinas, especialmente pelos docentes de Língua Portuguesa que precisam estar amparados cientificamente sobre embasamentos teóricos necessários para a utilização adequada desse conteúdo em sala de aula.

Diante dessa situação, preocupa-nos o fato de que no atual cenário tecnológico e de incessantes buscas de informações múltiplas, os portais web educativos possam se configurar em ferramentas corriqueiras na transmissão de mensagens de cunho didático com nenhum/pouco conteúdo científico e que professores, alunos e comunidade em geral possam estar utilizando esses portais para obterem respostas rápidas dos conteúdos didáticos lá expostos.

Assim, chamou-nos a atenção a maneira vaga e sucinta com que os conceitos e tipologias da intertextualidade são abordados pelos docentes nos portais educativos: ora os professores explicam-nos a partir da designação textos, outrora, a partir da nomenclatura de gêneros, e, por vezes, utilizam as duas nomenclaturas. Em decorrência disso, alçamos o seguinte questionamento: **a abordagem teórica da intertextualidade nos portais web educativos está em conformidade com a teoria que trata sobre esse fenômeno textual, discursivo e genérico?**

Este trabalho defende como ponto de partida a tese de que os conceitos e tipologias da intertextualidade são explicados pelos docentes nos portais de modo destoante do aparato teórico da LT e Teoria dos gêneros.

Dessa forma, o objetivo geral do presente estudo é investigar os conceitos e tipologias da intertextualidade nos portais web educativos com temática de ensino de Língua Portuguesa, a partir do qual, derivam os seguintes objetivos específicos: 1- verificar as explicações dos conceitos e tipologias/categorias da intertextualidade, abordados didaticamente através de exemplares de textos/gêneros, expostos nos portais web educativos; 2- analisar os conceitos e tipologias da intertextualidade nos portais web educativos, com base no aporte teórico da LT e Teoria dos gêneros.

Para atender a esses objetivos, construímos quadros epistemológicos que nos permitisse: (i) explicar a concepção da intertextualidade com base em Kristeva (1974),

visto que, seu conceito foi recepcionado pela LT, notadamente, o encontramos nas obras de Koch (2004) e Koch, Bentes e Cavalcante (2012). Em seguida, explicar o conceito de intertextualidade de Marcuschi (2008), que propõe uma abordagem interdisciplinar sobre o conceito de intertextualidade a partir do Dicionário de Análise do Discurso; (ii) explicar o conceito de intertextualidade conforme Bazerman (2011), pois na Teoria dos gêneros, esse autor cria um conceito específico que não se vincula ao conceito de Kristeva (1974); (iii) definir a intertextualidade *stricto sensu*, com suas tipologias de intertextualidade explícita e implícita, de Koch, Bentes e Cavalcante (2012) como critérios de análises dos intertextos; (iv) definir as tipologias da intertextualidade explícita e implícita da Teoria dos gêneros de Bazerman (2011), também como critérios analíticos; (v) estabelecer os portais web educativos como suportes que agregam diversificados gêneros em um Sistema de Gêneros, consoante as abordagens de Bazerman (2011), Marcuschi (2008) e Bezerra (2017); (iv) conceituar os portais web educativos como recursos educacionais através de Bottentuir (2013) e Nunes e Santos (2009).

Os estudos sobre a Intertextualidade surgiram a partir de análises em textos verbais literários, em seguida, as pesquisas prosseguiram-se no âmbito da Linguística Textual (LT), que passou a investigar a intertextualidade em outros tipos de textos verbais, não-verbais e/ou mistos. Entre os pesquisadores da LT que estudam o fenômeno da intertextualidade, destacamos Koch (2004, 2016), e Koch, Bentes e Cavalcante (2012).

Na perspectiva de estudo dos gêneros, Bakhtin nos anos de 1960 foi o primeiro a sistematizar os aspectos da Intertextualidade em sua teoria sobre o Dialogismo, na qual distinguiu a intertextualidade da interdiscursividade em gêneros discursivos. Recentemente, podemos mencionar os estudos de outro pesquisador dos gêneros textuais, Bazerman (2011) que sistematiza um conceito e explica as tipologias da Intertextualidade nas abordagens genéricas.

Quanto à questão da abordagem teórica sucinta dos portais educativos, inicialmente, formulamos a hipótese de que as explicações didáticas sobre os conceitos e tipologias da intertextualidade nesses portais com temática de ensino de Língua Portuguesa não contemplam de forma analítico/descritiva o fenômeno da intertextualidade com base no aporte teórico adequado para sua didatização.

Ademais, acreditamos que seja possível teorizar sobre a intertextualidade de modo interdisciplinar, e esse aspecto pode ser levado em conta nas análises tanto nos textos quanto nos gêneros dispostos nos portais educativos. Sendo assim, nesta pesquisa, assumimos o paradigma epistemológico teórico, cujo método é dedutivo com abordagem qualitativa, em que partimos da teoria para as análises *no corpus*. Verificamos as explicações didáticas dos conceitos e tipologias da intertextualidade a partir de textos verbais, não-verbais e/ou mistos, bem como de diversos gêneros expostos nos portais educativos, como exemplares didáticos; e analisamos as explicações dos conceitos e tipologias com base no aporte teórico da LT e Teoria dos gêneros.

Organizamos esta Dissertação em cinco capítulos no que tange a sua estrutura composicional. No capítulo 1, apresentamos a caracterização da pesquisa para situar os leitores acerca da questão problema, objetivos, fundamentação teórica, e outros.

No Capítulo 2 “Conceitos e tipologias da intertextualidade” discutimos os pressupostos teóricos que embasam este trabalho através das seções: 2.1 – o aspecto interdisciplinar no conceito de intertextualidade e 2.2 – os primórdios das tipologias intertextuais; 2.3 – o *continuum* tipológico das relações intertextuais: intertextualidade por Copresença e por Derivação.

O terceiro capítulo trata da intertextualidade explícita e intertextualidade implícita, estas classificadas nas tipologias de intertextualidade *stricto sensu*, e aborda a intertextualidade *lato senso* organizadas por Koch (2004) e reorganizadas em Koch, Bentes e Cavalcante (2012) sob as nomenclaturas intertextualidade em sentido estrito e intertextualidade em sentido amplo. A seção 3.1 – enfoca a intertextualidade intergenérica (intergenericidade); o tópico 3.2 – dispõe sobre a Intertextualidade em textos verbo-imagéticos e funções das relações intertextuais; e a seção 3.3 – aborda as relações intertextuais explícitas e implícitas na teoria dos gêneros. Nesta última, elaboramos a subseção 3.3.1 que explica as distinções entre gêneros e suportes, ao mesmo tempo em que brevemente expõe algumas definições dos portais web educativos.

À Metodologia, dedicamos o capítulo 4, dividido em tópicos: 4.1 – classificação da pesquisa e método; 4.2 – objeto de pesquisa, constituição e delimitação do corpus; 4.3 – categorias de análises e etapas de investigação.

No quinto capítulo abordamos a “Análise dos dados: conceitos e tipologias da intertextualidade nos portais web educativos”, que tem como subtópicos: 5.1 – sobre os conceitos de intertextualidade nos portais educacionais; e 5.2 – as tipologias da intertextualidade nos portais web educativos.

A intertextualidade, tema importante aos processos de leitura e produção textual, vem sendo abordada interdisciplinarmente em diversas perspectivas teóricas, inclusive pesquisas que levam em consideração a diversidade textual. Por isso, estudamos os portais web educativos, importantes meios de propagação de variados conhecimentos, pois tratam didaticamente essa temática de modo a orientar os leitores (professores, alunos e comunidade em geral) sobre os conceitos e tipologias intertextuais. Dessa forma, no próximo tópico discorreremos sobre os aspectos conceituais e tipológicos da intertextualidade sob o manto da abordagem da Linguística textual e Teoria dos gêneros.

2 CONCEITOS E TIPOLOGIAS INTERTEXTUAIS

Neste capítulo, visamos delimitar inicialmente o conceito de intertextualidade na perspectiva da Linguística Textual (LT), que recepcionou o conceito de Kristeva (1974), formulado no âmbito da Literatura. Essa autora baseou-se nos postulados bakhtinianos sobre o Dialogismo para elaborar o conceito de intertextualidade, que tem sua origem e definição atrelados ao caráter interdisciplinar em que se apresenta. Em decorrência disso, relacionamos o conceito de intertextualidade da LT ao caráter teórico genérico de Bazerman (2011), em seguida, explicamos as origens tipológicas da intertextualidade a partir dos estudos na teoria literária de Genette (1982) e Piègay-Gros (1996); e abordamos as tipologias da intertextualidade na perspectiva da Linguística Textual e Teoria dos Gêneros.

2.1 O aspecto interdisciplinar no conceito de intertextualidade

O conceito de intertextualidade surgiu no âmbito das pesquisas em Literatura, através da obra de Kristeva (1974, p. 60) que assim dispôs: “qualquer texto que se constrói como um mosaico de citações e é absorção e transformação de um outro texto”.

Para entender essa origem do conceito da intertextualidade é necessário recorrermos a abordagem do Dialogismo bakhtiniano, pois o conceito de Kristeva (1974) segue, de modo interdisciplinar, os postulados de Bakhtin (1969, 2016), explicados com maestria por Fiorin (2016), que afirma ser preciso distinguir o conceito de intertextualidade bakhtiniano da proposta teórica de Kristeva (1974), uma vez que essa autora incorporou a intertextualidade ampla nos estudos da Literatura.

Segundo Fiorin (2016), o termo intertextualidade elaborado por Kristeva (1974) encontra-se inadequado, pois a pesquisadora associou-o à ideia de interdiscursividade, e ambos são termos distintos na proposta do Dialogismo em Bakhtin (2016).

Explica o autor, que a denominação intertextualidade está relacionada ao dialogismo, mas não se constitui no Dialogismo, isto é, a intertextualidade trata-se da relação entre textos, e estes consistem na manifestação materializada do enunciado.

Esse conceito de intertextualidade distingue-se da interdiscursividade, pois esta diz respeito a relação entre enunciados, ou seja, produção de sentidos que se atribui a materialização textual. O Dialogismo, segundo Fiorin (2016), configura-se nessas relações entre a intertextualidade e a interdiscursividade, portanto, a intertextualidade embora faça parte do Dialogismo, não se constitui no Dialogismo em si.

Todavia, a Linguística Textual, de modo geral, não enrijeceu a distinção entre intertextualidade e interdiscursividade, e recepcionou o conceito amplo de Kristeva (1974), incorporando-o aos seus postulados, como parte do mesmo fenômeno textual/discursivo.

Bispo (2019), assim como propõe Fiorin (2016), explica que o conceito de intertextualidade de Kristeva (1974) não deve ser confundido com o termo *Dialogismo* bakhtiniano, malgrado o conceito dessa pesquisadora seja amplo, e relacione a intertextualidade (“materialidade” textual) à interdiscursividade (os sentidos construídos nos textos), esses dois termos não são sinônimos de Dialogismo, mesmo que dele façam parte.

Diversos outros pesquisadores abordam outros conceitos de intertextualidade no âmbito da LT, entre os quais, Koch e Elias (2006, p. 86), em que no capítulo 4 “Texto e intertextualidade” explicam a intertextualidade como fenômeno produtor de sentidos.

A partir da abordagem bakhtiniana, essas autoras consideram que identificar a relação entre textos depende do conhecimento do leitor e de seu repertório de leitura. Assim, elas propõem o seguinte conceito:

Intertextualidade ocorre quando em um texto está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade. A intertextualidade é elemento constitutivo do processo escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende de conhecimentos de outros textos por parte dos interlocutores. Ela é componente decisivo das condições de produção de um texto, pois há sempre um já dito prévio a todo dizer. Em alguns casos, pode-se recuperar facilmente o texto-fonte por fazer parte da memória social.

A intertextualidade consiste em processo de leitura e produção de textos, e como tal, produz sentidos que pode ou não ser compreendido pelos interlocutores.

O conceito de intertextualidade proposto por Marcuschi (2008, p. 129 -132) foi elaborado com base no Dicionário de Análise do Discurso, e assim dispõe: a

“intertextualidade é uma propriedade constitutiva de qualquer texto é o conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros textos”.

Esse conceito direciona as análises da intertextualidade a partir dos elementos explícitos e implícitos que a condicionam nos textos. Para Marcuschi (2008), a explicitude e implicitude da intertextualidade manifestam-se nos planos textuais, discursivos e genéricos, isto porque ele argumenta que texto, discurso e gêneros estão imbricadamente relacionados. Dessa forma, a percepção de texto é ampla, de modo a abranger os discursos e os gêneros. Sendo assim, seguimos a posição marcuschiana, pois o conceito de intertextualidade deve referir-se não só a “materialidade” textual, visto que as relações intertextuais se manifestam nos planos discursivos e também nos gêneros.

Marcuschi (2008) afirma ainda que a questão de conceituar a intertextualidade é complexa, e se liga a vários termos consultados no Dicionário de Análise do Discurso, sendo eles: *aspas*, *dialogismo*, *discurso citado*, *interdiscurso*, *metacognição*, *metadiscurso*.

Em perspectiva diferente a de Marcuschi (2008), Nobre (2014, p. 73) acredita que a intertextualidade é:

entendida aqui como uma estratégia de textualização por meio da qual se recorre a porções ou unidades de texto previamente produzidas para a composição formal de um outro texto quando de seu processo de produção; assim como se necessita, por vezes, que o interlocutor apresente um conhecimento mínimo do(s) texto(s) original (ais) como auxílio na construção do sentido do texto quando de seu processo de compreensão e interpretação.

Nobre (2014, p.14) parece se ater aos aspectos textuais no que tange a intertextualidade, e exclui os aspectos discursivos e genéricos de suas análises. Esse pesquisador recorre à materialização textual:

porque talvez seja ela o único ponto de convergência entre as mais variadas definições de texto. Pode-se, neste momento, argumentar contra minha contestação afirmando que a própria imagem acústica que se encontra no pensamento interior do produtor é uma espécie materialização linguística, a diferença é que ela não vem a público como a expressão que a originou. Mas pensar dessa forma gera uma série de questões que, por ora, não poderão ser respondidas, dada a exigência de uma reflexão mais aprofundada e mais focalizada neste assunto específico: as inferências são textos (...).

O conceito de intertextualidade proposto por Nobre (2014) visa estabelecer uma distinção desse fenômeno em relação ao dialogismo e a interdiscursividade. O dialogismo e a interdiscursividade são conceitos mais amplos para ele, enquanto que a intertextualidade é entendida como uma estratégia de textualização.

Concordamos com Nobre (2014) quando menciona essa distinção entre o dialogismo, a interdiscursividade e a intertextualidade, mas não compactuamos com o conceito exposto pelo autor sobre o aspecto da materialidade textual, pois a LT recepcionou o termo de Kristeva (1974), que trata a intertextualidade de modo amplo, e incluiu os aspectos interdiscursivos.

Mas além da interdiscursividade, a intertextualidade mantém uma proximidade interdisciplinar com as heterogeneidades discursivas discutidas por Authier Revouir (1982) e rediscutidas pelas professoras Cavalcante e Brito (2011, p. 261), as quais dispuseram que:

toda intertextualidade supõe o caráter dialógico de todo discurso e o atravessamento de vozes que representam diferentes lugares sociais que se estabilizam e se desestabilizam durante as interações. Mas a recíproca não é verdadeira: nem tudo o que é dialógico e heterogêneo constitui, necessariamente, um intertexto com suas marcas, reconhecíveis para uns, e nem sempre para outros.

As pesquisadoras não criaram um conceito de intertextualidade com base no aspecto polifônico, pois preferem a concepção proposta em Genette (1982). Por isso, acreditamos na necessidade de criação de um conceito da intertextualidade que se aproxime da abordagem da polifonia, e isso pode ser ampliado em futuros estudos. Desde já, ressaltamos a importância do trabalho de Cavalcante e Brito (2010) uma vez que um dos conceitos de intertextualidade exposto no portal “brasilecola.com”, como veremos, aproxima-se teoricamente da Polifonia.

As propostas teóricas de Koch, Bentes e Cavalcante (2012) sobre o conceito de intertextualidade dirigem-se interdisciplinarmente para abarcar os aspectos textuais, discursivos e genéricos, conseqüentemente, é nesse ponto de intersecção que vislumbramos a abordagem teórica desta pesquisa.

Assim, cientes de que o ponto de partida da investigação sobre o conceito da intertextualidade consistiu nas investigações em textos literários, e que o conceito,

formulado na Literatura foi recepcionado pela LT, é possível ratificarmos também o conceito de intertextualidade da teoria dos gêneros de Bazerman (2011) e trazê-lo para as nossas análises.

A concepção de intertextualidade, por ter aspecto interdisciplinar, recepciona a seguinte citação de Bazerman (2011, p. 92):

Intertextualidade. As relações explícitas e implícitas que um texto ou enunciado estabelecem com os textos que lhes são antecedentes. Através de tais relações, um texto evoca não só a representação da situação discursiva, mas também os recursos textuais e o modo como o texto em questão se posiciona diante de outros textos e os usa.

O autor explica a intertextualidade através das relações explícitas e implícitas entre textos ou enunciados, ele não menciona a designação “gêneros”, mas esse tópico parece ser parte do seu conceito na medida em que podemos observá-lo através do argumento de que os intertextos são relações explícitas e implícitas as quais um texto evoca outros textos na situação discursiva, incluindo os recursos textuais, o modo como os interlocutores se posicionam diante de outros textos e quem os usa.

Diante do exposto, o conceito que se adequa às análises que elaboramos resume-se da seguinte forma: a intertextualidade consiste em um fenômeno textual/discursivo/genérico de relações explícitas e implícitas entre textos, discursos e gêneros, que se manifestam pelos recursos textuais/discursivos/genéricos, em situações comunicativas, com o intuito de produzir novos sentidos.

Consideramos nesse conceito, os textos verbais, não verbais e/ou mistos, os discursos que dizem respeito aos sentidos dos textos, e os gêneros como fenômeno psicossocial, conforme preceitua Bazerman (2011).

De certo é que a LT recepcionou o conceito de Kristeva (1974) do âmbito da Literatura, e aderiu ao conceito de intertextualidade do Dicionário de Análise do Discurso, conforme Marcuschi (2008). Diante disso, prestamos nossa contribuição dizendo que o conceito de intertextualidade de Bazerman (2011) também deve ser incorporado aos estudos da intertextualidade na LT. Assim, esta pesquisa segue a abordagem conceptual desses autores, pois acreditamos que a intertextualidade deve ser investigada quanto ao aspecto textual, discursivo e genérico.

A partir daquela concepção de Kristeva (1974), outros pesquisadores no âmbito da teoria literária francesa passaram a sistematizar as tipologias da intertextualidade e suas classificações de diferentes modos. No tópico a seguir discorreremos sobre as tipologias intertextuais pioneiras, oriundas dos estudos de Genette (1982) e Piègay-Gros (1996).

2.2. Os primórdios das tipologias da intertextualidade

Genette (2006)¹, no livro “Palimpsestes: La littérature au second degré” apresenta diversas tipologias da intertextualidade a partir de estudos em textos literários. Na verdade, esse autor considera a intertextualidade apenas uma especificidade daquilo que ele denominou de modo amplo – Transtextualidade.

Cinco são as relações transtextuais expostas por Genette (2006), que explica a opção de enumerá-las em ordem crescente de abstração, implicabilidade e globalidade.

A primeira classificação ou tipo de transtextualidade, diz o autor, foi explorada por Julia Kristeva (1974) na obra intitulada “Introdução à semiótica”, cuja denominação é intertextualidade. Para Genette (2006), esse termo deve ser entendido de modo restrito, como sendo uma relação de copresença entre dois ou vários textos, isto é, a presença efetiva de um texto em outro. O autor expõe 3 (três) categorias de intertextualidade: a citação, o plágio e a alusão, em que as análises partem da forma mais literal ou explícita, no caso das duas primeiras, até a implicitude da última.

A noção de intertexto para Genette (2006, p. 9) consiste na “percepção pelo leitor de relações entre uma obra e outras que a precederam ou as sucederam”. Sendo assim, a intertextualidade é a própria literalidade e um mecanismo específico de leitura dos textos literários.

O segundo tipo de intertextualidade desse aspecto transtextual é o paratexto, isto é, a relação menos explícita e mais distante dentro da obra literária; como por exemplo, Genette (2006) cita os títulos, subtítulos, prefácios, comentários, entre outros aspectos que margeiam o texto.

A terceira classificação denominada metatextualidade “é a relação de comentário que une um texto a outro texto, do qual ele fala, sem necessariamente citá-lo ou convocá-lo” (GENETTE, 2006, p. 11). O autor inverte na obra a ordem das explicações das tipologias transtextuais para explicar primeiramente o quinto tipo, a architextualidade, pois, segundo o autor, esse é o tipo mais abstrato e implícito de transtextualidade. A architextualidade trata-se de uma menção paratextual silenciosa de caráter taxonômico dos gêneros literários.

¹ A primeira edição data de 1982.

A quarta classificação transtextual chama-se: hipertextualidade: “toda relação que une um texto B (que chamarei de hipertexto) a um texto anterior A (que naturalmente, chamarei hipotexto) do qual ele brota de uma forma que não é a do comentário.” (GENETTE, 2006, p. 12). Compreendemos, nesse aspecto, que o autor explica a hipertextualidade como uma relação de derivação, em que um texto é derivado de outro texto preexistente. Essa derivação pode ser descritiva ou através de transformação simples ou indireta. A transformação simples pode ocorrer de forma redutora, como extrair algumas páginas do hipotexto, por exemplo, ou indireta por imitação, através do domínio de traços do texto original.

Genette (2006) afirma que não se deve considerar os cinco tipos de transtextualidade como classes estanques, sem comunicação ou interseções. Em seguida, o autor elabora um quadro de práticas hipertextuais, tomando como referência os aspectos de relação, transformação e imitação dos gêneros. Nesse quadro geral, ele propõe as seguintes categorias de hipertextualidade: paródia, travestimento, charge e pastiche.

Quadro 1 - práticas hipertextuais

Quadro geral das práticas hipertextuais

Regime Relação	Lúdico	Satírico	Sério
Transformação	Paródia (<i>Chapelain décoiffé</i>)	Travestimento (<i>Virgile Travesti</i>)	Transposição (<i>o Doutor Fausto</i>)
Imitação	Pastiche (<i>L'affaire Lemoine</i>)	Charge (<i>À la manière de ...</i>)	Forjação (<i>La Suite d'Homère</i>)

Fonte: Genette (2006, p. 25)

As práticas hipertextuais para Genette (2006)² ocorrem através dos regimes lúdico, satírico e sério, e sua relação com a transformação ou imitação dos textos.

² A hipertextualidade entendida aqui não tem relação com a hipertextualidade das propostas dos multiletramentos – que investiga os hipertextos no meio digital.

Dessa forma, a paródia, segundo o autor, gera uma confusão de interpretação, pois podemos usá-la para designar uma deformação lúdica, transposição burlesca de um texto, ou imitação satírica de um estilo. Isso se deve às funções que a paródia e os outros três aspectos exercem, qual seja a comicidade.

O autor critica o estudo funcional da paródia e propõe uma abordagem estruturalista, considerando paródia estrita a transformação de um texto em outro. A comicidade é um aspecto da função, a qual não interessa a Genette (2006), pois a comicidade está presente no “travestimento burlesco” e ocorre porque há transformação estilística e também uma função degradante no hipotexto.

O pastiche, conforme o autor, não se efetiva por transformação, mas pela imitação de um estilo; bem como a charge que também imitaria o hipertexto. A diferença entre o pastiche e a charge é em decorrência da função e o grau de exagero estilístico nos textos. A função do pastiche tem caráter lúdico, a charge é satírica.

O quadro geral de Genette (2006) é bastante elucidativo porque propõe uma divisão com base na vertente funcional e estrutural da hipertextualidade. Ele critica a divisão funcional em paródia satírica (paródia) e não-satírica (pastiche), utiliza a relação “transformação” e “imitação” que determina os gêneros, e afirma ainda que não pretende substituir o critério funcional pelo critério estrutural, pois trata-se apenas de uma classificação para determinar o que ele denomina de “paródia séria”.

Interessante ressaltar, Genette (2006) preocupou-se inclusive com a intertextualidade que relaciona a arte literária a outras obras de arte plásticas, mas não aprofundou essa discussão. Em dissertação de mestrado, defendida recentemente por Faria (2014), esta pesquisadora organizou e ampliou as categorias genetteanas, utilizando a designação “intertextualidades amplas e intertextualidades estritas” já na perspectiva de análises em textos verbo-imagéticos.

Mas nós não utilizaremos neste trabalho as categorias genetteanas sobre a intertextualidade em textos literários, resolvemos elaborar essa breve resenha, pois não há como tratar das tipologias da intertextualidade na LT e Teoria dos gêneros sem abordarmos as origens investigativas no âmbito da Literatura, já que a intertextualidade é um fenômeno de investigação interdisciplinar. A título de informação, Carvalho (2017) na perspectiva da LT sistematizou uma nova abordagem dessas tipologias intertextuais de Genette (1982) a partir de análises em diversos textos verbo-imagéticos.

Após as primeiras criações tipológicas da intertextualidade em Genette (1982), Piègay-Gros (1996), também no âmbito da Literatura, elaborou outras categorias das relações intertextuais através dos critérios de copresença e derivação do texto fonte no intertexto.

Outra vez, reforçamos a afirmação anterior de que, embora não tratemos especificamente das abordagens de Piègay-Gros nas análises que pretendemos efetivar, torna-se imprescindível abordarmos as tipologias dessa pesquisadora uma vez que a intertextualidade é um fenômeno textual de caráter interdisciplinar.

A seguir, discutimos as tipologias intertextuais de Piègay-Gros, destacando a importância dessas tipologias para as pesquisas no âmbito da Linguística Textual.

2.3 O continuum tipológico das relações intertextuais: intertextualidades por Copresença e Derivação

Com o intuito de sistematizar as categorias de intertextualidade de Genette (1982), Piègay-Gros (1996) no livro *“Introduction à l’intertextualité”*, Parte II – Tipologia da intertextualidade, Capítulo 1- “As relações de Co-presença”; e Capítulo 2- “As relações de Derivação”, ampliam as tipologias da intertextualidade genetteana, reorganizando-as através das relações intertextuais de *Copresença* e as relações intertextuais de *Derivação*.

Segundo Piègay-Gros, são quatro as categorias das relações de Copresença: citação, referência, plágio e alusão. Essas relações, como o próprio nome indica, consistem na presença do texto-fonte expresso ou impresso no intertexto. A citação “aparece como uma forma emblemática de intertextualidade” (PIÈGAY-GROS, 1996), pois surge no texto de modo mais explícito, sem exigir tanto do leitor a sua identificação e interpretação. Ela permanece na sua forma canônica ligada ao recurso de autoridade. Ocorre que essa tipologia pode revelar-se em situações distintas do recurso de autoridade, sob a forma de citação temática, tal como acontece nos textos literários em que se usa a citação de outros textos literários.

A “referência” também constitui uma classificação no nível mais explícito de intertextualidade. Trata-se, segundo a autora, da remissão de um texto anteriormente produzido.

No plano interno e implícito da intertextualidade, Piègay- Gros (1996) considera ainda o “plágio” como relação de copresença, e compara-o a citação que estaria no plano mais externo do intertexto. O plágio encontra-se no nível mais implícito de intertextualidade, pois é elaborado para não ser identificado. Além do mais, acrescentamos, ele configura-se como um atentado ético e jurídico, tornando-se crime.

Piègay-Gros (1996) também compara a “alusão” com a citação, mas por motivos diversos do plágio. O aparecimento da alusão é algo sutil e discreto, uma “maneira engenhosa de relacionar com seu discurso um pensamento muito conhecido, de tal sorte que ela difere da citação pelo fato de que não exige se apoiar no nome do autor, que é familiar a todos [...]” (CHARLES DONIER *apud* PIÈGAY-GROS, 1996, p. 227). Em seguida, essa autora afirma que nem sempre o que se alude é um texto literário, pode-se remeter em alusão à mitologia, à opinião ou aos costumes. Assim, “de uma maneira geral, a alusão será tanto mais eficaz quanto mais ela puser em jogo um texto conhecido, do qual a associação de uma ou duas palavras será o bastante para estabelecer uma conexão”. O trabalho de identificação da alusão argumenta, ainda, que deve partir do leitor, e, no caso da literatura, também parte dos críticos literários, os quais definirão o texto fonte e as singularidades e sutilezas de sentidos revelados pela alusão.

No que tange às relações de Derivação na intertextualidade, Piègay-Gros considera as seguintes categorias: paródia, travestimento burlesco e pastiche. Diferentemente das relações de copresença, na derivação o intertexto muda, pois não se trata apenas da presença do texto-fonte, mas na mudança deste com a produção do novo texto.

A partir das categorias exploradas por Genette, Piègay-Gros (1996, p. 230), afirma que as duas primeiras classificações, “paródia e travestimento burlesco”, são “os dois grandes tipos de relação de derivação que ligam um texto a outro; a primeira se apoia numa transformação, e a segunda, numa imitação do ‘hipotexto’”. Essas duas formas, segundo a autora, merecem ser distinguidas.

O travestimento burlesco é baseado na reescritura de um estilo, a partir de uma obra cujo conteúdo é conservado; enquanto a paródia consiste na transformação de um texto cujo conteúdo é modificado, mesmo conservando o estilo. (PIEGAY-GROS, 1996, p. 230).

A paródia, como vemos, torna-se eficaz quanto mais se aproxima do texto que ela deforma, por isso, Piègay-Gros (1996, p. 230) considera outra forma de paródia “mais elegante por ser a mais econômica”, retirada das categorias de Genette (2006). Esse tipo de paródia é a “retomada literal de uma passagem inserida num novo contexto: a deformação é procedente da montagem de outro texto”. Então, seguindo a proposta de Michel Butor (1974, p.174), a autora afirma que “toda citação já é uma forma de paródia, a decomposição de um fragmento, seu deslocamento num contexto inédito, tendendo sempre a falsificar o sentido”.

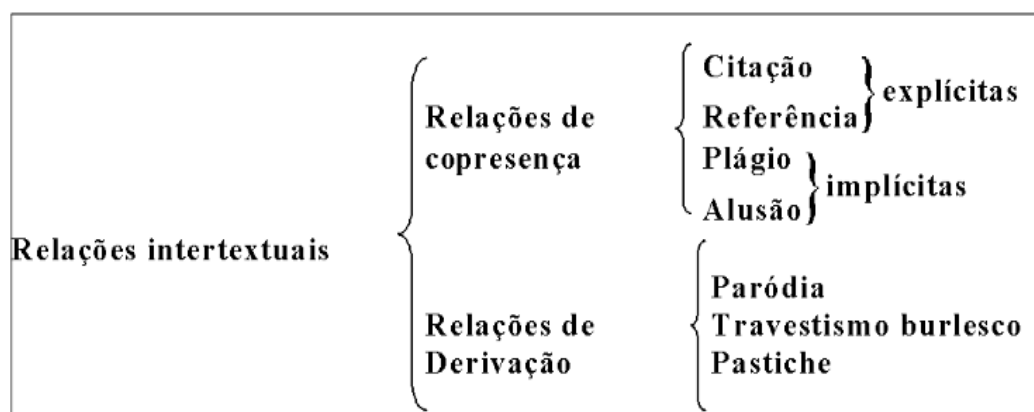
Ao contrário da paródia, o travestimento burlesco afasta-se bastante da forma do texto, mas retoma o tema do texto-fonte. O travestimento está baseado na transformação de um estilo com função cômica e satírica.

O travestimento burlesco e o pastiche são categorias distintas, e, segundo Piègay-Gros (1996) este último é a imitação de um estilo de um autor, onde não há a retomada total do texto fonte como na paródia. O pastiche possui um valor de crítica pois trata-se de uma prática formal, uma vez que não diz respeito ao tema do texto imitado, tal como no travestimento.

Aproximando-se da proposta genetteana, Piègay-Gros (2010, p. 244) argumenta que o pastiche tende a ser mais imitativo que inventivo, embora seja considerado um gênero autônomo, ele é destinado a ser uma classificação ultrapassada.

Koch, Bentes e Cavalcante (2012) reorganizaram todas essas categorias de Piègay-Gros (1996) no quadro abaixo.

Quadro 2 - Relações de Copresença e Derivação



Fonte: Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 132).

Essas tipologias de intertextualidade de Piègay-Gros (1996) têm passado por diversos estudos aqui no Brasil, onde os pesquisadores brasileiros procuram ampliar as propostas de análises. Entre esses autores, podemos citar os trabalhos de Sant'anna (2003) no âmbito da Literatura, Koch (2004, 2016) e Koch, Bentes e Cavalcante (2012) na perspectiva da LT.

A seção a seguir aborda as tipologias intertextuais com base na perspectiva desses autores e outros, em que destacamos os estudos pioneiros da intertextualidade no Brasil, os quais com base na abordagem literária francesa ampliaram as investigações e explicitaram outras tipologias da intertextualidade.

3 INTERTEXTUALIDADE EXPLÍCITA E INTERTEXTUALIDADE IMPLÍCITA NAS ABORDAGENS DA LINGUÍSTICA TEXTUAL E DA TEORIA DOS GÊNEROS

No âmbito da Linguística Textual no Brasil, a intertextualidade passou a ser estudada nos trabalhos pioneiros de Koch (2004)³, que retomou o termo e o conceito de intertextualidade com base em Kristeva (1974), e reconfigurou outras tipologias intertextuais.

Koch (2016) traz a noção de texto como um objeto heterogêneo que revela uma relação entre seu interior e exterior, sendo que nesse exterior existem outros textos que dão origem ao texto que com ele dialoga. Por isso, segundo a autora, a intertextualidade é um critério de textualidade dependente da produção e recepção dos textos e dos diversos conhecimentos de outros textos pelos sujeitos. Nesse sentido, a maneira como os textos se relacionam é bastante diversificada, o que gerou as seguintes tipologias: intertextualidade em sentido amplo e intertextualidade em sentido estrito.

A intertextualidade em sentido amplo aproxima-se da terminologia usada na Análise do Discurso (AD) que se denomina interdiscursividade (ou heterogeneidade constitutiva), segundo Authier (1982, *apud* KOCH, 2016). Nesse aspecto amplo, Koch (2016) menciona ainda os trabalhos de Maingueneau (1976) que considera “o intertexto como um componente das condições de produção: ‘um discurso não vem ao mundo numa inocente solicitude, mas constrói-se através de um já dito em relação ao qual toma posição” (Ibid., p. 60). Também nessa linha da AD, a intertextualidade em sentido amplo apoia-se em Pêcheux (1969) para quem “o discurso se estabelece sempre sobre um discurso prévio” (Ibid., p. 60).

No que diz respeito a intertextualidade em sentido restrito, esta ocorre pela “relação de um texto com outros textos previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos” (KOCH, 2016, 62). Como tipos dessa categoria de intertextualidade, Koch (2016) menciona: 1) a intertextualidade de conteúdo *versus* a de forma/conteúdo, e, desde já, rechaça a possibilidade de uma intertextualidade apenas de forma, pois “toda forma enforma/emoldura um conteúdo” (Ibid., p. 62); 2) a intertextualidade explícita *versus* a intertextualidade implícita. A intertextualidade explícita manifesta-se

³ Seguimos a segunda edição do livro “Introdução à Linguística Textual: domínios e fronteiras” do ano de 2016.

quando há citação da fonte no intertexto, podemos citar como classificações desse tipo: o discurso relatado, citações, referências, resumos, resenhas, traduções; a intertextualidade implícita não traz a citação expressa da fonte, “cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o sentido do texto, como nas alusões, na paródia, em certos tipos de paráfrase e ironia” (KOCH, 2016, p. 63). 3) a intertextualidade das semelhanças *versus* a intertextualidade das diferenças é oriunda da teoria de perspectiva proposta por Affonso Romano de Sant’Anna (2003)⁴, as duas se distinguem porque nas primeiras “o texto incorpora o intertexto para seguir-lhe a orientação argumentativa”, por exemplo, aproxima-se das paráfrases (Ibid., p. 63). No caso da intertextualidade das diferenças, o texto incorpora o intertexto para ridicularizá-lo, como a paródia e a ironia. 4) a Intertextualidade com o intertexto alheio, pode ser o intertexto próprio ou com intertexto atribuído a um enunciador genérico.

Koch (2016) afirma que todas essas manifestações da intertextualidade são fatores importantes para a construção da coerência textual, introduzindo também a noção de *Détournement* na seção do livro que aborda a Polifonia.

Desse modo, a autora cita ainda a teoria de Ducrot (1984), que consiste na visão enunciativa dos sentidos a partir de pontos de vista ou posições diversas dos sujeitos expressos nos enunciados; e explica que o primeiro tipo de polifonia reside na intertextualidade explícita e o segundo tipo na intertextualidade implícita. Ela prossegue afirmando que o *Détournement* surgiu das propostas de Grésillon e Maingueneau (1984) para “designar a alteração na forma/conteúdo de provérbios, frases feitas, título lúdico (...)”. “Trata-se de uma estratégia comum na publicidade, frequente, por exemplo, no humor e na música popular” (p. 70).

Como podemos ver, as tipologias intertextuais são explicadas pela LT de modo interdisciplinar, portanto, não há como desvincular a abordagem da intertextualidade dos estudos discursivos e genéricos.

Nesta dissertação, interessa-nos a discussão em torno da categoria de intertextualidade em sentido estrito, notadamente, as tipologias de intertextualidade explícita e implícita, por isso elaboramos o quadro a seguir.

⁴ O autor pesquisa a intertextualidade em textos literários.

Quadro 2 – Tipologias de intertextualidade em sentido amplo e em sentido estrito.

Intertextualidade em sentido amplo	Intertextualidade em sentido estrito	Polifonia ⁵
Interdiscursividade	Intertextualidade conteúdo X	<i>Détournement</i>
Heterogeneidade constitutiva	Intertextualidade forma/conteúdo	
Conceito de texto de Kristeva (1974)	Intertextualidade explícita X	
	Intertextualidade implícita	
	Intertextualidade das semelhanças X	
	Intertextualidade das diferenças	

Fonte: Adaptado de Koch (2016 p. 60-70).

Ampliando essas tipologias intertextuais de Koch (2004, 2016), Koch, Bentes e Cavalcante (2012) no livro “Intertextualidade: diálogos possíveis” revisitam o mesmo conceito de intertextualidade, e modificam as denominações intertextualidade em sentido amplo e em sentido estrito nos capítulos – intertextualidade *stricto sensu* e intertextualidade *lato sensu*. Apesar dessa mudança terminológica, as autoras deixam evidente que a intertextualidade é um importante mecanismo de construção de sentido dos textos, portanto, não houve maiores alterações quanto às tipologias esboçadas por Koch (2004).

A intertextualidade *stricto sensu*, denominada apenas intertextualidade por Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 17), ocorre quando “em um texto está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou memória discursiva dos interlocutores”. Para que seja *stricto sensu* é necessário que o texto remeta a outros textos ou fragmentos de textos em uma relação intertextual.

Várias são as classificações elaboradas pelas autoras dentro dessa categoria *stricto sensu*, a primeira delas denomina-se: intertextualidade temática. Koch, Bentes

⁵ Koch (2004, 2016) não considerou a polifonia como categoria de intertextualidade, colocamos-na no quadro ao lado das tipologias esboçadas pela autora em decorrência do *Détournement* está incluso na seção do livro sobre a Polifonia.

e Cavalcante (2012) não explicitam um conceito para essa tipologia, mas sugerem uma definição a partir da afirmação de que os textos científicos que compartilham um mesmo pensamento, matérias de jornais de uma mesmo dia sobre dado assunto, textos literários de uma mesma escola ou mesmo gênero, podem trazer esse tipo de intertextualidade. Nesse sentido, definimos a intertextualidade temática pela presença de um tema, ou assunto, que se encontra num determinado texto e é retomado em outro texto cujas temáticas sejam parecidas.

Na segunda classificação, a “intertextualidade estilística”, as autoras categoricamente afirmam que não há uma intertextualidade de forma, e defendem a ideia de que a forma apenas emoldura determinado conteúdo. Portanto, esse tipo de intertextualidade ocorre quando “o produtor do texto, com objetivos variados, repete, imita, parodia certos estilos ou variedades linguísticas” de outros textos (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 19), isto é, o conteúdo do texto-fonte relaciona-se ao intertexto por causa do estilo.

Na terceira classificação, “intertextualidade explícita”, podemos observar um conceito inicial proposto pelas autoras, segundo o qual “no próprio texto, é feita a menção do intertexto, isto é, quando um outro texto ou fragmento é citado, atribuído a outro enunciado” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p.28). Nesse ponto, visualizamos as seguintes subclassificações da intertextualidade explícita: citações, referências, menções, resumos, resenhas e traduções, como também o recurso à autoridade nos textos argumentativos.

A “intertextualidade implícita”, quarta tipologia da intertextualidade *stricto sensu*, ocorre “quando se introduz, no próprio texto, intertexto alheio, sem qualquer menção explícita da fonte” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 31). Destacam-se as paráfrases, por exemplo, em que o texto-fonte e o intertexto estão mais ou menos próximos – é o que Sant’Anna (1985) denomina de “intertextualidade das semelhanças”; Grésillon e Maingueneau (1984) chamam de captação, isto é, o texto cujo objetivo é seguir a orientação argumentativa do texto-fonte.

Outra situação de intertextualidade implícita são os denominados “enunciados parodísticos” e/ou irônicos, tais como: as apropriações, as reformulações de tipo concessivo, a inversão da polaridade afirmação e negação, entre outros. Essas classificações são denominadas por Sant’anna de “intertextualidade das diferenças”;

Grésillon e Mainguenu as rotulam como *subversão*, ou seja, são textos que contradizem o texto-fonte, ridicularizam ou argumentam em sentido oposto.

As autoras explicam detalhadamente os casos de “captação” e “subversão”, e sugerem ao leitor que o grau de proximidade entre o texto-fonte e o intertexto é que determina os sentidos. Espera-se com a intertextualidade implícita que “o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, pela ativação do texto fonte em sua memória discursiva” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE; 2012, p.31).

Mas se o leitor/ouvinte não conseguir ativar o texto-fonte? A construção dos sentidos pode não ocorrer, principalmente no caso de “subversão”, já que o distanciamento do texto-fonte e o intertexto são maiores, e o sentido só pode ocorrer a partir da “descoberta” do próprio intertexto. As autoras afirmam que nos casos de textos-fontes que fazem parte da memória coletiva da comunidade (tais como provérbios, frases feitas, ditos populares), supõe-se que eles sejam facilmente acessados no processamento textual do leitor, mas não garantem que isso possa ser realmente efetivado. No que concerne aos demais tipos de texto-fonte como os literários, jornalísticos, publicitários, entre outros; o reconhecimento do intertexto ainda é menos garantido e isso prejudica ou impossibilita a construção dos sentidos propostos pelo locutor.

Ainda quanto à intertextualidade implícita, Koch, Bentes e Cavalcante (2012) assinalam a presença do plágio como um tipo particular. Ao contrário dos demais, o produtor do texto deseja que o interlocutor não identifique o texto-fonte, uma vez que aparece de forma camuflada e assim deve permanecer.

Outra classificação mencionada dentro da categoria de intertextualidade implícita proposta pelas autoras é o *Détournement*, termo formulado por Grésillon e Maingueneau (1984), que “consiste em produzir um enunciado com marcas linguísticas de uma enunciação proverbial, através da retextualização de provérbios, frases feitas, ditos e canções populares, entre outros” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 46).

Souza e Nobre (2019, p.20), ao compararem teoricamente a explicitude e implicitude da intertextualidade em Koch (2008, 2009, 2012) com a teoria de Piègay-Gros (2010), afirmam que nesta pesquisadora literária a noção é mais ampla, enquanto que na primeira “as noções de intertextualidade implícita e intertextualidade

explícita estão estritamente ligadas à marcação, ou não, da autoria”. Concordamos com essa afirmação dos pesquisadores, e veremos adiante que Bazerman (2011) vai além dessa marcação ou não de autoria na intertextualidade, pois explica as categorias intertextuais de acordo com a explicitude e o movimento de recontextualização na implicitude, de modo a priorizar a construção de sentidos na intertextualidade.

A outra grande categoria de intertextualidade denominada por Koch, Bentes e Cavalcante (2012) é a intertextualidade *lato sensu*, ou seja, quando “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro”. Esse conceito citado por Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 85) é uma tradução de Kristeva (1984).

Concebe-se a intertextualidade *lato sensu* “quando se relaciona gênero, intertextualidade e poder social”, ou seja, as relações intertextuais não ocorrem através de textos isolados, mas como práticas discursivas dos gêneros em uma metagenericidade. Koch, Bentes e Cavalcante (2012) explicam que as relações intertextuais estabelecidas a partir da forma composicional, conteúdo temático e estilo, configuram essa intertextualidade *lato sensu*.

A intertextualidade *lato sensu* segundo as autoras, apoiadas em Bauman e Brigs (1995), refere-se ao aspecto genérico, pois os gêneros são essencialmente intertextuais, tanto os processos de produção quanto de recepção de um determinado gênero partem de uma ligação com textos/discursos anteriores. As noções de estilo, o formato, os temas genéricos determinam, então, a relação intertextual *lato sensu*.

Esse tipo de intertextualidade das autoras não se confunde com a intertextualidade explicada por Bazerman (2011) na perspectiva de estudo dos gêneros textuais. Esse autor considera a intertextualidade como relação explícita e implícita entre textos, o que na nossa percepção há uma aproximação de sua teoria à tipologia da intertextualidade *stricto sensu*.

Em decorrência da diversidade de classificações das tipologias de intertextualidade *stricto sensu* e *lato sensu*, sintetizamos o quadro a seguir.

Quadro 3 – Tipologias de intertextualidade *stricto sensu* e *lato sensu*.

Intertextualidade <i>stricto sensu</i>	Intertextualidade <i>lato sensu</i>
<p>Intertextualidade temática Intertextualidade estilística</p> <p>Intertextualidade explícita</p> <ul style="list-style-type: none"> - citações - referências - menções - resumos - resenhas - traduções - recurso à autoridade <p>Intertextualidade Implícita</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>paráfrases</i> - <i>enunciados parodísticos</i> - plágio - <i>détournement</i> 	<p>Intertextualidade genérica Intertextualidade tipológica</p>

Fonte: Adaptado de Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 11-143).

Enquanto que a intertextualidade *lato sensu* ainda parece de outras classificações, estando resumidamente exposta em um capítulo sucinto no livro de Koch, Bentes e Cavalcante (2012), a intertextualidade *stricto sensu*, conforme vemos no quadro acima, efetiva-se em várias tipologias intertextuais.

Poderíamos neste estudo vincular a abordagem da tipologia *lato sensu* às propostas de estudos dos gêneros de Bazerman (2011), mas, como dissemos anteriormente, as categorias de intertextualidade desse pesquisador indicam uma aproximação com a intertextualidade *stricto sensu* das autoras, sobre a classificação explícita e implícita. Por isso, em nossas análises optamos por trilhar a relação entre essas duas últimas teorias, e deixamos de fora a vinculação com a tipologia de intertextualidade *lato sensu*.

3.1. Intertextualidade intergenérica (intergenericidade)

Nessa perspectiva interdisciplinar de abordagem da intertextualidade explícita e implícita, Marcuschi (2008, p.163) inovou, ao criar a intergenericidade, seguindo a proposta de Ulla Fix (1997) da intertextualidade tipológica. Segundo ele, existe a

denominada intergenericidade de funções e formas, isto é, quando um texto retoma a forma e a funcionalidade de outro texto, transformando-se em um novo texto.

No caso de mistura de gêneros, adoto a sugestão da linguista alemã Ulla Fux (1997: 97), que usa a expressão “intertextualidade tiológica” para designar esse aspecto de hibridização ou mescla de gêneros em que um gênero assume a função de outro. Pessoalmente, estou usando intergenericidade como a expressão que melhor traduz esse fenômeno. (Ibid., p. 165, grifo do autor).

A intertextualidade para Marcuschi (2008) é uma condição de existência do próprio discurso e pode equivaler inclusive à noção de interdiscursividade ou heterogeneidade discursiva, esta última na perspectiva de Authier-Revuz (1984). Dessa forma, baseado nas categorias de Koch (1991), Genette (1982) e Maingueneau (1984), entre outros autores, Marcuschi (2008) sintetizou a visão teórica desses estudiosos em destaque no quadro a seguir:

Quadro 4 – A complexidade de abordagens teóricas das tipologias de Intertextualidade.

Genette (1982) (Transtextualidade)	Maingueneau (1984)	Koch (1997)	Authier-Revuz (2000)
Intertextualidade Paratextualidade Metatextualidade Arquitextualidade Hipertextualidade	Intertextualidade ≠ intertexto Intertextualidade interna ≠ externa	Intertextualidade em sentido amplo Intertextualidade em sentido estrito Intertextualidade explícita e implícita	Heterogeneida de mostrada Heterogeneida de constitutiva

Fonte: Adaptado de Marcuschi (2008, p. 129-132).

Para Marcuschi (2008), a intertextualidade encontra-se explícita e implicitamente nos textos e gêneros, e a intergenericidade consiste na mescla desses aspectos nos planos da forma e função no novo texto/gênero. Concordamos com esse autor, e acreditamos que é possível tratar a intertextualidade quanto aos aspectos

intergenéricos, por isso, não compactuamos com a seguinte afirmação de Nobre (2014, p. 70):

o *texto* (e não o gênero) é híbrido por assumir características de gêneros distintos, portanto não há que se enquadrar em classificações genéricas cujo critério é a prototipicidade. Em suma, considero inadequado defender a existência de gêneros híbridos, ou seja, de dizer que ‘gênero X tem a forma de gênero Y’, uma vez que a constituição do *texto* é eminentemente híbrida: forma de gênero X + função de gênero Y. A perspectiva do pesquisador, eu acho, que é no sentido de que o gênero é uma construção mais abstrata ao passo que os gêneros os ‘materializam’.

Segundo Nobre (2014) o texto é híbrido, e a intertextualidade manifesta-se nele, mas não nos gêneros híbridos. Contudo, um pouco antes, em artigo publicado com a professora Cavalcante (2011, p. 1), Nobre e Cavalcante explicam o que denominam de intertextualidade intergenérica:

a recorrência a traços superestruturais de gêneros mais institucionalizados utilizados com propósitos distintos do cânone. Observamos, a partir dos exemplares analisados, que essa mistura de elementos provenientes de dois ou mais gêneros distintos – em especial a relação forma/ função – acaba por conferir humor aos gêneros híbridos.

Ora, Nobre (2014) critica a hibridização dos gêneros de Marcuschi (2008) porque segundo ele a intertextualidade ocorre no plano textual, antes disso em 2011 ele afirma que a intertextualidade intergenérica ocorre devido aos traços superestruturais dos gêneros, e a relação forma e função confere humor aos “gêneros híbridos”. Tais assertivas parecem incoerentes, pois entendemos que a intertextualidade se manifesta em textos e gêneros híbridos, de modo que o novo texto/gênero adquire a forma e a funcionalidade de dois textos/gêneros distintos.

Portanto, seguimos o disposto em Marcuschi (2008), ou seja, é possível que a intertextualidade se manifeste quando um gênero assume a função e a prototipicidade de outro gênero, o qual se constitui em intergenericidade, e essa hibridização ocorre também no plano textual o qual os gêneros encontram-se “materializados”.

Marcuschi (2008) não sistematizou um estudo sobre a intertextualidade explícita e implícita nos planos verbo-imagéticos, coube a Mozdzenski (2012), orientando de Marcuschi, elaborar pesquisas sobre a intertextualidade a partir de análises em textos e gêneros multissemióticos. Esse estudo revolucionou a maneira

como a intertextualidade estava sendo investigada até então, pois se deteve aos aspectos sociocognitivos e discursivos da intertextualidade explícita e implícita, não como aspectos dicotômicos, mas como construção de sentidos dos textos.

3.2 Intertextualidade em textos verbo-imagéticos e funções das relações intertextuais

Mozdzenski (2012) não se preocupou em apenas classificar ou categorizar a intertextualidade, mas explicou as relações explícitas e implícitas da intertextualidade de acordo com as formas e funções que elas assumem nos textos e gêneros para a construção de sentidos.

Embora o foco da nossa pesquisa não resida nas análises teóricas a partir dos estudos mozdzenkianos, optamos por explicar a abordagem de Mozdzenski (2012), uma vez que esse autor investiga a intertextualidade em textos verbo-imagéticos através da abordagem da intertextualidade explícita e implícita, também atuando de maneira interdisciplinar ao levar em consideração as abordagens da Análise do Discurso Crítica, e análises de obras de artes plásticas e alguns vídeos clipes da cantora Madonna.

Ciente de que existem diversos estudos sobre a intertextualidade, que se espriam em variadas categorias e classificações, Mozdzenski (2012) trouxe para os estudos da intertextualidade a importância das análises em textos plurissemióticos. Esse autor revisita alguns conceitos e categorias da intertextualidade, apoiado em distintos estudiosos como Kress e Van Lewen, Van Dijk, Fairclough, e tece críticas a diversidade de categorias e classificações criadas pelos pesquisadores brasileiros.

Mozdzenski (2009) explica que os autores analisam a intertextualidade taxativamente enquadrada em tipologias, de modo que ele refuta as dicotomias: “intertextualidade implícita X intertextualidade explícita”, entre outras; e diz que há uma ausência de critérios mais consistentes e coerentes para o agrupamento de cada tipo de intertextualidade em uma mesma categoria.

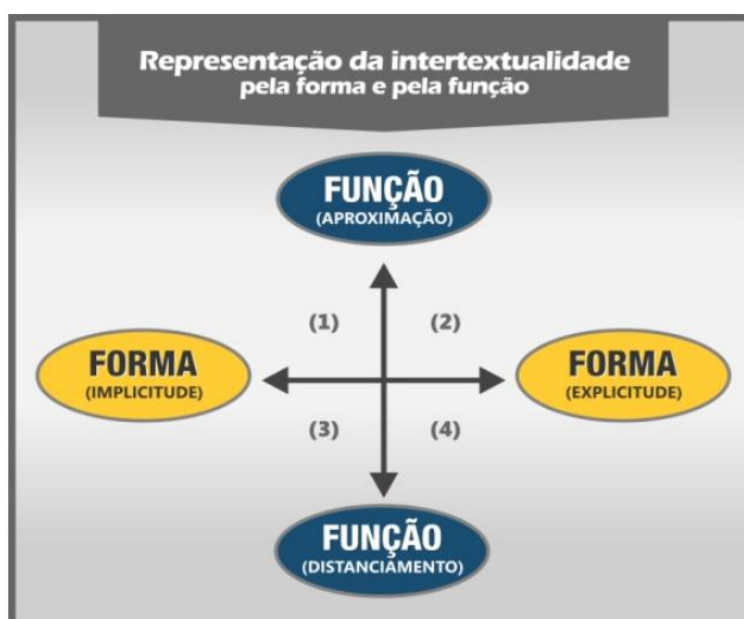
Diferente de Mozdzenki (2012), Forte (2013) em estudo sobre as funções textual-discursivas de processos intertextuais, denomina “tipologias de intertextualidade” os diversos tipos e classificações intertextuais. Já pesquisadores como Cabral (2013) preferem utilizar a nomenclatura “categorias de intertextualidade”.

De qualquer forma, tanto uma expressão quanto a outra referem-se a multiplicidade taxinômica do mesmo fenômeno textual/discursivo/genérico.

É com base nas críticas à diversidade dessas tipologias/categorias, que Mozdzenski (2009, 2012, 2013) desafia-se a um novo olhar sobre a intertextualidade, e elabora (através da perspectiva sociocognitiva e discursiva de estudo do texto), três gráficos para exemplificar a construção do seu modelo de análise. No gráfico 1, ele discutiu o contínuo tipológico da intertextualidade quanto a sua forma de ocorrência; no gráfico 2, expôs o contínuo tipológico quanto à função; e no gráfico 3 sintetizou a representação da intertextualidade quanto à forma e função.

Não copiamos os dois primeiros gráficos, pois consideramos relevante para fins de explicação a representação do terceiro gráfico de Mozdzenski.

Gráfico 1 – Forma e função da Intertextualidade



Fonte: Mozdzenski (2013, p. 185)

O gráfico 1 acima representa a análise da intertextualidade relacionando os graus de explicitude e implicitude em que ela aparece marcada na forma, com os graus de aproximação e distanciamento das vozes dos enunciadores dos textos fontes apresentados na função intertextual. A depender das análises, partindo desses graus, a intertextualidade pode vincular-se em um determinado quadrante.

Mozdzenki (2009, 2012, 2013) argumenta que, para a elaboração de seu modelo de análise, baseou-se em várias teorias, a principal delas é a perspectiva sociocognitivista adotada por Van Dijk (2008). Ocorre que esse último não ampliou os estudos sobre a intertextualidade, de modo que coube a ele elaborar uma nova pesquisa para suprir essa lacuna.

A Linguística Textual por ser um ramo interdisciplinar abre espaço para esse tipo de relação com a Linguística Cognitiva e inclusive com outras abordagens e áreas. Desse modo, consoante a teoria de Fairclough (2001), Mozdzenski (2009) explica a concepção de intertextualidade constitutiva ou interdiscursividade, relativa à configuração de convenções discursivas que entram na produção do texto (como a ordem do discurso, gênero, estilo, vozes dos sujeitos etc.), que estarão presentes no quadrante das funções. Assim, para construção do gráfico 3, Mozdzenski baseou-se inclusive no aparato teórico de Jean-Jacques Courtine (2006), que relaciona o termo intertextualidade ao de intericonicidade para fins de análises da intertextualidade/intericonicidade nos exemplos de textos visuais artísticos e vídeos clips da cantora Madonna.

Nobre (2014), também em uma perspectiva contrária a de Mozdzenski (2012), agrupou, organizou num quadro teórico os diversos tipos de intertextualidade. O ponto forte do trabalho de Nobre (2014), a nosso ver, foi a delimitação do campo de atuação e pesquisa da intertextualidade, uma vez que não se trata apenas de um fenômeno de natureza literária, mas que está presente em quaisquer tipos de textos.

Diferentemente de Mozdzenski (2012), que preferiu não ampliar as tipologias de intertextualidade, Nobre (2014) ampliou as tipologias de intertextualidade, que segundo ele demandam níveis de abstração mais abrangentes, denominados parâmetros. As relações intertextuais podem ocorrer da forma canônica, de modo mais específico, quando um texto é retomado por outro; ou de maneira mais ampla, quando ocorre um traço comum a conjuntos de textos, esse traço pode ser abstraído na produção de um texto específico. A partir dessas relações intertextuais, três parâmetros emergem: composicional (copresença e derivação); referencial (implicitude e explicitude) e formal (reprodução, adaptação, menção e funcional).

Iremos nos ater ao campo referencial (implicitude e explicitude), onde Nobre (2014) prefere o texto como ponto de referência, e exclui os discursos e gêneros. Esse autor defende o uso “consciente” dos recursos intertextuais através das pistas

deixadas pelos produtores, que auxiliam os leitores a reconhecerem a intertextualidade nos textos. Por isso, ele deixa clara a necessidade de catalogação das tipologias até então não realizadas, mencionando inclusive as pesquisas realizadas por Mozdzenski (2012) em textos videoclípticos, e ascende uma breve crítica sobre a “confusão” que esse último pesquisador faz entre intertextualidade e interdiscursividade.

Não compactuamos com essa visão de Nobre (2014) em atrelar a análise da intertextualidade detidamente aos textos, pois acreditamos que o tratamento discursivo, e as relações entre gêneros e intergêneros são aspectos da intertextualidade, isto porque a abordagem da LT é interdisciplinar.

Dentre os pesquisadores que afirmam ser possível o tratamento discursivo da intertextualidade, podemos mencionar Cabral (2013), o qual afirma que a intertextualidade deve ser considerada na perspectiva discursiva, porém nunca deve ser completamente distanciada da materialidade textual. Por isso, ele defende que, em algumas situações, haverá a necessidade de deslocamento das categorias da Análise do Discurso para a LT no que tange a análise da intertextualidade.

Concordamos com esse posicionamento de Cabral (2013), pois como sabemos a LT discute abordagens interdisciplinares em suas pesquisas, de modo que a tipologia intertextualidade em sentido amplo de Koch (2004) tem um viés predominantemente discursivo e genérico, pois nem sempre a intertextualidade pode ser reconhecida na materialidade textual, malgrado nela haja indícios.

Assim, diante do que foi discutido, concluímos este tópico ratificando o posicionamento de que a intertextualidade deve ser investigada levando em consideração os aspectos textuais, discursivos e genéricos. Trata-se da proposta analítica e teórica deste trabalho, que consiste em aproximar as abordagens da Linguística Textual aos postulados teóricos de estudos dos gêneros no que diz respeito às investigações dos conceitos e tipos da intertextualidade.

3.3 As relações intertextuais explícitas e implícitas na teoria dos gêneros

As relações intertextuais na teoria dos gêneros consistem em objeto de investigação a partir da abordagem bakhtiniana sobre o Dialogismo e a Polifonia, presentes nos gêneros literários e do cotidiano, expostos na obra “Os gêneros do

discurso” de Bakhtin (1969, 2016). Essas relações de intertextualidade passaram também a ser investigadas em outras abordagens de estudo dos gêneros, através de diversos outros pesquisadores, entre eles: Devitt (1991) e Bazerman (2004, 2006, 2011).

Devitt (1991, *apud* BEZERRA, 2017) explicou as relações intertextuais genéricas no que denominou conjuntos de gêneros, partindo do estudo em documentos de profissionais de contabilidade. Foi com base nesse autor, que Bazerman (2004, p. 318, *apud* BEZERRA, 2017, p. 51) definiu o conjunto de gêneros como “coleção de tipos de textos que alguém, em um determinado papel, provavelmente produzirá”, em seguida, ampliou a abordagem de que os conjuntos de gêneros constituem-se em sistemas de gêneros, compreendidos como “diversos conjuntos de gêneros de pessoas que atuam coletivamente”.

Bezerra (2017), ao revisitar o estudo sobre conjunto de gêneros de Bazerman (2004), afirma que este diz respeito às atividades não só de produção, mas também de recepção de textos. Por isso, Bazerman (2004) propõe que a perspectiva de sistema de gêneros deve englobar os conjuntos de gêneros individuais para situá-los em sistemas de atividades coletivamente amplos.

Acreditamos que essa noção de “sistemas de gêneros” na perspectiva de Bazerman (2004) condiz ao aspecto sistemático dos portais web educativos, os quais consistem, a nosso ver, em sistemas de gêneros onde os conjuntos de gêneros se relacionam intertextualmente. Vale ressaltar, os gêneros que interagem no conjunto também são intertextuais, pois tratamos de modo específico de portais educativos que versam sobre a temática intertextualidade. Por isso, as relações entre gêneros dentro dos sistemas dos portais web educativos incitam investigações sobre as tipologias da intertextualidade, que se manifestam nas explicações didáticas nos portais educacionais.

Contudo, como argumentou Bazerman (2011), ainda não há um padrão comum quanto a investigação entre os elementos e tipos de intertextualidade no que tange ao estudo dos gêneros nos conjuntos de gêneros, assim, esse autor explica as tipologias da intertextualidade através de níveis de intertextualidade, esses níveis correspondem ao que o texto explicitamente evoca ou implicitamente deixa de evocar.

Nessa proposta teórica de Bazerman (2011) sobre os gêneros textuais, esse pesquisador elucida então que a intertextualidade deve ser analisada através de quatro níveis:

Nível 1- o texto⁶ remete aos sentidos dos textos anteriores, repetindo informações autorizadas para os propósitos do novo texto;

Nível 2- o texto pode referir-se a dramas sociais explícitos de textos anteriores mencionados na discussão;

Nível 3- de modo menos explícito, o texto apoia-se em crenças, ideias difundidas sobre uma fonte específica, ou percebidas como senso comum;

Nível 4- o texto apoia-se em certos tipos reconhecíveis de linguagem, de estilo e gêneros de outros textos; e, nível 5- os textos relacionam-se através apenas do uso da linguagem.

Os mencionados níveis não parecem seguir uma ordem em graus de explicitude e implicitude da intertextualidade. O nível 1, por exemplo, não remete a uma maior explicitude e nem o nível 4 a uma maior implicitude. Ao que indica, os níveis da intertextualidade demarcam as relações intertextuais, mas não demonstram graus de explicitude e implicitude da intertextualidade.

A partir da explicação desses níveis, Bazerman (2011, p. 96) expõe as técnicas de representação intertextual, quais sejam:

- a) citação direta: texto fonte citado diretamente no intertexto;
- b) citação indireta: texto fonte “parafraseado” no intertexto;
- c) menção: que pode ser a uma pessoa, a um comentário ou a avaliação de um texto ou voz evocada, ao uso de estilos reconhecíveis.

Logo após, o autor demonstra a distância ou alcance intertextual “onde um texto viaja por meio de suas relações intertextuais” (BAZERMAN, 2011, p. 96) através de:

- w) referência textual: topicaliza um autor ou frase de um autor;
- x) coleção textual: textos de diferentes estilos, e épocas que dialogam;
- y) intertextualidade disciplinar: entre textos de disciplinas;
- z) intermedialidade: consiste “no meio ou referência que se movem de uma mídia para outra, tal como uma conversa, filme ou música é mencionado em um texto escrito” (ibid., p.97).

⁶ Usamos o termo “textos” tal como foi transcrito na tradução da obra.

Finalmente, Bazerman (2011) afirma que existe o movimento através dos contextos/recontextualização, em que o novo contexto do intertexto produz um novo sentido. Nesse aspecto o autor não menciona o caráter implícito da intertextualidade, mas acreditamos que se trata dessa tipologia, esboçada de modo generalizante, e sem utilizar classificações. Do mesmo modo, esse pesquisador explica o que denomina de “comentário intertextual”, que segundo ele ocorre quando um autor de determinado texto discute ou avalia outro texto. O refazimento do texto fonte que se dá pelo comentário intertextual aproxima-se das paráfrases, e, conforme já explicado, trata-se de uma classificação da tipologia da intertextualidade implícita de Koch, Bentes e Cavalcante (2012).

Conforme o exposto, acreditamos que seja possível investigar as tipologias da intertextualidade explícita e implícita no sistema de gêneros dos portais educativos com base nas categorias intertextuais de Bazerman (2011) de modo a ampliar os estudos da intertextualidade e propor novas reflexões sobre esse fenômeno através da relação com as tipologias da intertextualidade *stricto sensu* da LT.

Sistematicamente, elaboramos o quadro a seguir para melhor organização das tipologias intertextuais esboçadas por Bazerman (2011).

Quadro 5 – Tipologias de Intertextualidade explícita e implícita.

Explicitude	Implicitude
citação direta	movimento através dos contextos/recontextualização
citação indireta	
menção	comentário intertextual
referência textual	
coleção textual	
intertextualidade disciplinar	
intermedialidade	

Fonte: Adaptado de Bazerman (2011, p. 92-101).

O quadro acima revela uma aproximação tipológica com o quadro 4 das tipologias de intertextualidade de Koch, Bentes e Cavalcante (2012), e exhibe uma série de classificações da intertextualidade explícita em comparação com a intertextualidade implícita.

Pode-se argumentar que o comentário intertextual deveria fazer parte da intertextualidade explícita, mas se ele se aproxima das paráfrases firmamos o entendimento de que se trata de implicitude, visto que pode haver comentários os quais se desvirtuam quase por completo do texto fonte.

Destarte, ao considerarmos os portais web educativos como sistemas de gêneros não poderíamos deixar de fora desta abordagem uma breve distinção entre gêneros e suportes, pois acreditamos que os portais educacionais se constituem em suportes de sistemas de gêneros com diversas finalidades, entre elas a pedagógica.

3.3.1 Gêneros, textos e suportes de gêneros: definição dos portais web educativos

Marcuschi (2008, p.72) na obra “Produção textual, análise de gêneros e compreensão”, retoma o conceito de texto de Beaugrande (1997, p.10) para fins de diferenciá-lo dos gêneros. Assim o texto consiste em “um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas”. Segundo aquele autor, são múltiplos os aspectos pelos quais perpassa essa relação na Linguística Textual. Ao fazer referência a Coutinho (2004) e Adam (1999), Marcuschi (2008) indica que não há necessidade de distinguir rigidamente texto, discurso e gênero, pois a tendência atual é de condicionamento mútuo, por isso considera ainda que não se deve dissociá-los nas análises da intertextualidade.

Marcuschi (2008) faz questão de abordar o gênero textual como meio de relacionar os três aspectos: texto, discurso e gênero. Ele parece deixar claro que essa forma de ver o texto está atrelada a identificação do próprio texto como objeto da Linguística textual, onde o contexto surge como fonte de produção de sentido.

A proposta marcuschiana em trazer a noção de texto, discurso e relacioná-los aos gêneros, parece despontar das origens dos estudos genéricos, a partir da teoria de Bakhtin. Daí ressaltamos a importância de investigar a intertextualidade com base nesse posicionamento que considera não apenas a “materialidade textual”, mas as outras dimensões do plano discursivo e dos gêneros nas relações intertextuais.

Bazerman (2006) afirma que os gêneros são essencialmente sociocognitivos e não devem ser abstraídos dos seus contextos de uso para fins pedagógicos. Aprender os gêneros, segundo o autor, é reconhecer as diversas situações onde circula, onde são produzidos, quem os produz, quem os recebe. Logo,

os gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São enquadres para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através dos quais interagimos. Os gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são modelos que utilizamos para explorar o não familiar. (BAZERMAN 2006, p. 23 *apud* BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 82)

Por não ser somente formas, os gêneros são enquadres sociais onde o sentido é construído. Esse aspecto confere-lhes um caráter um tanto abstrato que em alguns aspectos os diferenciam da noção de textos. Nesse sentido, a Linguística Textual, quanto às propostas de investigações do fenômeno textual, propõe abordagens que investigam os textos em relação com diversas vertentes teóricas da Linguística, entre elas, a possibilidade de aproximação com a teoria dos gêneros.

Nesse estudo, consideramos os textos, discursos e gêneros como aspectos indissociáveis para a investigação da intertextualidade, contudo, torna-se relevante também discutir as distinções entre os termos “gênero” e “suporte”, que têm em Marcuschi (2008) e Bezerra (2015, 2017) os seus principais debatedores, uma vez que os portais web educativos direcionam para esse tipo de discussão.

Os respectivos autores elaboraram um debate em torno da utilização dos vocábulos “gêneros” e “suportes”; Bezerra (2015, 2017) criticou a quantidade de denominações utilizadas pelos pesquisadores brasileiros no uso do termo “gêneros”, tais como: gêneros textuais, gêneros discursivos ou gêneros textuais/discursivos? Marcuschi preocupou-se com a questão de “que nomes dar aos gêneros”, visto que “os gêneros se imbricam e interpenetram para constituírem novos gêneros” (MARCUSCHI, 2008, p.163), o que supõe ser difícil a determinação da nomenclatura de cada gênero.

De todo modo, em Marcuschi (2008) observamos explicitamente a designação geral gêneros textuais, já Bezerra (2017) prefere apenas o termo “gêneros”. Assim, interpretamos que Marcuschi (2008) poderia se referir inclusive à denominação gêneros textuais/discursivos, tendo em vista que ele denomina gêneros textuais, mas propõe análises com base na relação: textos, discursos e gêneros.

Portanto, optamos em alguns momentos por utilizar a designação “gêneros textuais/discursivos” devido a proposta interdisciplinar desta pesquisa que investiga

teoricamente a intertextualidade nos portais web educativos com base na relação entre intertextos, interdiscursos e intergêneros.

A discussão em torno dos gêneros e a distinção quanto ao suporte trata-se de matéria relevante para a Teoria dos gêneros e a Linguística textual, tanto que Marcuschi (2008) inicia as explicações dessa diferenciação mencionando Maingueneau (2001, p. 71), que usou a palavra *mídiu*m para se referir aos enunciados orais, papel, tela de computador, etc., como suportes veiculadores de gêneros.

Todavia, os suportes não são apenas recursos para transportes de mensagens, segundo Maingueneau (2001, *apud* MARCUSCHI, 2008) “o *mídiu*m não é um simples ‘meio’, um instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante do *mídiu*m modifica o conjunto de discurso” (MAIGUENEAU, 2001, p. 71-72). Dessa forma, os *mídiu*s além de modos de transporte e fixação, são elementos que modificam os discursos. Eis que a partir dessa reflexão, Marcuschi (2008) propõe a seguinte indagação: qual o papel do suporte na relação com os gêneros?

A resposta dada pelo autor é que o suporte, tal como o gênero, não é neutro. O suporte torna-se imprescindível para que o gênero circule na sociedade, e o gênero é identificado na constituição com o seu suporte.

O suporte não é neutro porque veicula sentidos expressos nos gêneros textuais/discursivos, e estes “materializam-se” nos textos. Sendo assim, Marcuschi (2008, p.174) entende como “suporte de um gênero um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação de um gênero materializado como texto”.

Bezerra (2015, 2017) também explica a importância de se diferenciar o gênero do suporte e, para isso, ele baseia-se no ensaio “a questão do suporte dos gêneros textuais” de Marcuschi (2003, p, 34), em que este autor explica: “para alguns autores, a homepage e até mesmo o portal é um gênero, mas para outros, suportes. Pessoalmente, imagino que se trate de um serviço no caso dos portais de servidores, mas já não teria tanta certeza no caso das homepages pessoais”. Argumenta Bezerra (2017) a partir dessa citação, que ainda não há consenso entre os pesquisadores de gêneros digitais sobre qual seria o suporte de gêneros emergentes.

Nesta Dissertação, consideramos os portais web educativos como suportes, os quais agregam diversificados gêneros, que se constituem, consoante Lahn (2001), em meio de apresentação e recuperação de informação, permitindo a combinação de

elementos como: som, fotografia, vídeo e animação, desenhos em quadrinhos, gráficos.

Também firmamos o entendimento de que os portais web educativos, como suportes de diversos textos e gêneros, agregam múltiplos conjuntos de gêneros, organizados sistematicamente nos suportes desses portais, cujo intuito é transmitir didaticamente vários conteúdos. Logo, os portais educativos não são simples mecanismos digitais, mas suportes que veiculam explicações didáticas providas de diversas fontes de conhecimentos, dentre essas a temática intertextualidade.

Bezerra (2017) afirma que os gêneros se manifestam no mundo através das inter-relações que estabelecem entre si, e essas conexões de gêneros são importantes mecanismos de pesquisa e ensino. À vista disso, os portais web educativos como suportes de gêneros também não são neutros, porque não se constituem em um simples meio ou um instrumento para transportar uma mensagem estável, eles expõem informações didáticas que devem ter embasamento científico.

Então, qual seria o tipo de suporte dos portais web educativos? Para responder a essa pergunta, prosseguimos consoante o aporte de Marcuschi (2008, p. 178), que informa dois tipos de suportes: 1) convencional e 2) incidental. A categoria dos suportes convencionais, típicos ou característicos, é produzida com a finalidade de veicularem textos específicos, como por exemplo: os livros. O segundo tipo de suporte pode trazer textos, mas é destinado para um fim de modo assistemático, como por exemplo: os muros. Enquadramos os portais web educativos como suportes convencionais, imprescindíveis para que as informações didáticas circulem na sociedade através de seu ambiente virtual.

Como suportes de diversos gêneros, os portais web educativos ainda carecem de outros estudos, por isso, recorreremos a alguns pesquisadores na área de tecnologias da informação e comunicação no âmbito da educação, para explicarmos a definição dos portais web educativos, uma vez que eles se constituem em suportes de conhecimentos didáticos.

Até meados de 1994, o termo portal era conhecido como “mecanismo de busca” cuja finalidade seria facilitar o acesso a diversas informações disponíveis em vários documentos na web. Segundo Bottentuit Junior (2013), após esse período, alguns produtores de sites começaram a utilizar a terminologia “portal”, agrupando diversos

sites e documentos em um único lugar, com intuito de minimizar o tempo dos usuários na busca de informações importantes.

Os portais educacionais passaram por investigações a partir dos trabalhos de Nunes e Santos (2009) que propuseram uma análise pedagógica desses meios digitais com base na teoria de Davi Ausubel, cujo objetivo foi criar um método eficaz para avaliação desses portais nas práticas pedagógicas.

O uso dos portais na perspectiva pedagógica também foi investigado por Sampaio e Nascimento (2009), que criaram o portal intitulado “Professor Digital” para utilização específica no contexto educativo, e caracterizaram o portal, apresentando resultados de seu uso e avaliação no ambiente escolar.

Desde já, ressaltamos a possibilidade de futuros estudos que poderão investigar os portais educacionais como material didático no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Língua Portuguesa. Além disso, outras pesquisas podem se direcionar para as análises de conteúdos didáticos da respectiva disciplina, expostos nesses ambientes digitais.

Dito isso, após essas breves considerações sobre gêneros, textos e suportes, e a definição dos portais web educativos, seguimos para o capítulo metodológico, onde destacamos a descrição da pesquisa e os procedimentos de análises.

4 METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos e descrevemos o percurso para a realização desta pesquisa. Para isto, organizamos o presente tópico em subseções para fins de sistematizar as etapas adotadas no processo de investigação. No primeiro momento, especificamos a classificação e método utilizados neste estudo; no segundo momento, delineamos o objeto investigado, a seleção e a descrição do *corpus*; em seguida, no terceiro momento, tratamos dos procedimentos de análises, destacando as categorias analíticas e as etapas para se alcançar os objetivos propostos.

4.1 Classificação da pesquisa e método

Existem segundo Gil (2008) diversas formas de classificar a pesquisa: de acordo com a abordagem do problema (pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa); do ponto de vista dos objetivos (exploratória, descritiva, explicativa); e quanto aos procedimentos técnicos (bibliográfica, documental, estudo de caso, entre outras).

De acordo com a mencionada classificação, adotamos nesta Dissertação a abordagem qualitativa, pois não iremos nos restringir a quantificar os casos de intertextualidade nos portais, visto que o que nos interessa são as discussões teóricas sobre esse fenômeno textual/discursivo/genérico, através de análises dos conceitos e tipologias da intertextualidade presentes nos portais web educativos. Nesse sentido, a investigação qualitativa trabalha com “as múltiplas construções da realidade, observação persistente e interpretação do fenômeno observado a partir de vários ângulos e utilização de diferentes fontes de dados comparadas entre si” (MOTTA-ROTT; HENDGES, 2010, p. 113). O desenvolvimento da pesquisa qualitativa requer uma investigação detalhada do fenômeno investigado, que exige reflexões do pesquisador na interpretação da realidade a qual observa.

Quanto aos objetivos propostos, esta pesquisa classifica-se como explicativa porque visamos investigar os conceitos e tipologias da intertextualidade abordados nos portais web educativos, verificando como os portais analisados explicam esses aspectos com base na teoria da LT e dos estudos dos gêneros. Tal como dispõe Gil

(2008), a pesquisa explicativa aprofunda o conhecimento da realidade porque explica a razão, o “porquê” dos fenômenos.

Em relação aos procedimentos técnicos, este estudo tem caráter de pesquisa bibliográfica, elaborada a partir de materiais já publicados, constituindo-se de livros, teses, dissertações, e materiais disponibilizados na internet. Trata-se também de pesquisa documental, elaborada a partir de materiais que pouco receberam tratamento analítico, como é o caso dos portais web educativos.

Desse modo, considerando especificamente o tema que norteia esta investigação, a presente pesquisa constitui-se em bibliográfica, que na visão de Cordeiro (1999, *apud* MOTTA- ROTT; HENDGES, 2010, p. 119) também é documental, pois envolve “o procedimento de levantamento bibliográfico referente ao problema em questão (livros, teses, dissertações, artigos, etc.)”. O material de análise da pesquisa bibliográfica pode compreender a literatura sobre um assunto, documentos, fotos, etc.

Gil (2008) afirma que os métodos científicos consistem em um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos para que os objetivos sejam atingidos. Lakatos e Marconi (2003) acrescentam que os métodos são a linha de raciocínio adotada no processo de pesquisa, os quais fornecem as bases lógicas à investigação.

O método dedutivo segundo Gil (2008) foi proposto pelos racionalistas Decastes, Spinoza e Leibniz, e pressupõe o raciocínio dedutivo que tem o objetivo de explicar o conteúdo partindo da análise do geral para o particular, a qual se chega a uma conclusão, isto é, a partir de duas premissas retira-se uma terceira decorrente das primeiras. Motta-Roth e Hendges (2010) explicam que o método dedutivo parte das abordagens teóricas para as análises dos dados no *corpus*.

Portanto, seguimos neste estudo o respectivo método dedutivo, pois partimos da teoria para as análises nas amostras do *corpus*, de modo a investigarmos os conceitos e tipologias de intertextualidade abordados pelos docentes nos portais web educativos, a fim de gerarmos resultados e prováveis conclusões.

4.2 Objeto de pesquisa, constituição e delimitação do corpus

O objeto de estudo desta pesquisa consiste nos conceitos e tipologias da intertextualidade, expostos em portais web educativos com temática de ensino de

língua portuguesa. A razão pela qual selecionamos esse objeto investigativo foi a observação, em um primeiro momento assistemática, das explicações didáticas da intertextualidade em portais web educativos, que em sua maioria, revelam-se com pouca profundidade teórica aos leitores.

Ademais, ao compreendermos a abordagem teórica sobre a intertextualidade, percebemos que seria possível investigar sistematicamente os conceitos e tipologias da intertextualidade explicados nos portais web educativos, de modo a analisá-los com base no aporte teórico da LT e da Teoria dos gêneros.

Quanto ao *corpus* deste trabalho, acreditamos na relevância de investigar as figuras de três portais web educativos com temática de ensino de Língua Portuguesa, pois os portais apresentam conteúdos didáticos do tema intertextualidade que necessitam ser investigados com base na fundamentação teórica adequada.

Através do mecanismo *print screen*, essas figuras foram recortadas, enumeradas e nomeadas por meio de sequências (1, 2, 3...) para fins de análises dos: a) conceitos da intertextualidade e b) tipos de intertextualidade. Importante frisar que os portais web educativos encontram-se em sites do uol (universo online) e do grupo globo (globo.com), que informam diversos conteúdos de acesso facilitado e gratuito, constituindo-se em meios de propagação de múltiplos conhecimentos de cunho didático.

Para selecionar o *corpus* desta pesquisa, tivemos de considerar, basicamente, dois critérios de inclusão: 1º) portais web educativos com temática de ensino de Língua Portuguesa que explicassem os conceitos e tipologias da intertextualidade; 2º) portais web educativos que tratassem o tema intertextualidade a partir de diferentes textos e gêneros, expostos como exemplares didáticos.

A seleção e coleta dos portais aconteceram em agosto de 2018 e prosseguiram até junho de 2019. Selecionamos inicialmente cinco portais web educativos e verificamos como são explicados neles os conceitos e tipologias de intertextualidade, de acordo com os tipos e exemplares didáticos de textos e de gêneros expostos nos portais. Em seguida, descartamos dois portais (educamais.brasil.com.br/ querobolsa.com.br/), pois percebemos, em uma primeira leitura, que esses portais representariam apenas uma repetição da amostra do corpus, uma vez que reiteravam algumas tipologias já presentes nos outros três portais escolhidos, perante isso, consideramos, então, esta repetição um critério de exclusão.

Após essa descrição do *corpus*, realizamos o procedimento de análise das figuras dos portais, a partir das etapas descritas no tópico a seguir.

4.3 Categorias de análises e etapas de investigação

Escolhemos como categorias de análises nesta pesquisa os conceitos e tipologias da intertextualidade sob os fundamentos da Linguística textual e da teoria dos gêneros. Para efetivar os objetivos propostos, duas são as etapas as quais destacamos, quais sejam:

- 1) Leituras dos portais web educativos que compõem a amostra, para verificar os conceitos e tipologias da intertextualidade explicadas nesses portais através de textos verbais, não verbais e/ou mistos e gêneros textuais/discursivos;
- 2) Análises dos conceitos e tipologias da intertextualidade expostos nos portais web educativos com base no aporte teórico da LT e Teoria dos gêneros.

Sobre o conceito de intertextualidade no primeiro portal “*munodoeducação*” a docente expõe essa concepção com base na teoria do Dialogismo bakhtiano com a seguinte afirmação: “a intertextualidade permite o dialogismo entre os diversos tipos de textos, sejam eles linguísticos, sejam extralinguísticos” (figura 1). A Linguística textual recepcionou o conceito de intertextualidade proposto por Kristeva (1974), formulado a partir da proposta bakhtiniana que versa sobre o Dialogismo, e essa concepção de intertextualidade encontra-se disposta em Koch, Bentes e Cavalcante (2012), a qual utilizamos para as discussões analíticas. As investigações em torno da expressão “sejam eles linguísticos, sejam extralinguísticos” remetem às abordagens da LT, que os consideram textos verbais ou não verbais. Enquanto que a teoria dos gêneros textuais parecem adotar os vocábulos “linguísticos” e “extralinguísticos” nas suas acepções.

No respectivo portal, a docente explicou também a intertextualidade através da indagação e resposta: “você sabe o que é intertextualidade? A influência de um texto sobre outro. Todo texto em maior ou menor grau constitui um intertexto”. Nesse ponto, consideramos a abordagem marcusiana que propôs uma investigação interdisciplinar ao tratar a intertextualidade como relação entre textos, discursos e

gêneros, desse modo, analisamos esse aspecto com base nos preceitos desse pesquisador.

A menção ao vocábulo “intertexto” no conceito da figura 2, chamou nossa atenção, de modo que o analisamos por meio das teorias de Marcuschi (2008), e Koch, Bentes e Cavalcante (2012).

Verificamos uma confusão teórica nas postagens do portal “mundoeducação” (figura 2) quando relacionam o conceito da figura 1 “a intertextualidade ocorre entre textos que podem ser linguísticos ou extralinguísticos”, com o conceito da figura 2, em que a intertextualidade se efetiva nas “relações dialógicas entre os textos que escrevemos e os que acessamos ao longo da vida”. Nesse ponto, discutimos, baseados nas propostas de Koch, Bentes e Cavalcante (2012), a diversidade textual (textos verbais, não verbais e mistos) onde a intertextualidade se manifesta. Ainda sim, vemos que no portal “mundoeducação” não há informações sobre a intertextualidade exposta nos gêneros, seguimos, pois, a proposta conceptual de Bazerman (2011).

Na verificação do segundo portal “educação.português”, percebemos na figura 3 que a professora menciona os exemplos de intertextualidade de modo a afirmar que os textos “mais reverenciados pela literatura” são retomados por autores brasileiros. Constatamos com base na discussão de Koch, Bentes e Cavalcante (2012), que essa afirmação se encontra um tanto distoante das abordagens da LT, o que possibilita uma breve discussão sobre esse aspecto.

No quarto parágrafo também da figura 3, vemos a explicação de que a intertextualidade se revela através da relação entre “dois textos, distantes no tempo e no espaço, que dialogam entre si”. Possivelmente, trata-se de uma afirmação equivocada, pois não são os textos que se encontram distantes no tempo e no espaço, mas os propósitos comunicativos dos gêneros que se “distanciam” conforme os contextos socioculturais retratados nos conjunto de gêneros. Destacamos, de maneira sucinta, essa análise com base na proposta de Biase-Rodrigues e Bezerra (2012).

Em relação ao conceito de intertextualidade no terceiro portal “brasilecola.com” (figura 4) podemos observar o seguinte: “as relações dialógicas entre os textos é um conceito inerente a intertextualidade (...). Um texto pode apresentar diversas vozes, para as quais damos o nome de polifonia”. Discutimos essa afirmação conceptual através da proposta teórica de Koch, Bentes e Cavalcante

(2012), e Cavalcante e Brito (2010) no que tange ao conceito de intertextualidade relacionado a teoria da Polifonia. Sugerimos aprofundamentos desse aspecto em futuras pesquisas.

Quanto as análises das tipologias da intertextualidade nos portais, observamos que no primeiro portal “mundoeducação”, as tipologias de intertextualidade foram elencadas na legenda da figura 5, com a afirmação – “a intertextualidade pode acontecer em forma de citação, paráfrase e paródia, implícita ou explicitamente”. As ausências de explicações dessas tipologias no decorrer do portal, orientou-nos a analisá-las nos textos e gêneros que estão dispostos como exemplares didáticos.

Inicialmente, optamos por investigar no cartaz da figura 5, a tipologia denominada intergenericidade de Marcuschi (2008), uma vez que este discute as relações intertextuais explícitas (plano da forma) e implícitas (plano da função) nos textos e gêneros com marcas de intertextualidade intergenérica. Verificamos que o cartaz contém essa tipologia marcuschiana e analisamos a internericidade no intertexto do cartaz.

A menção às tipologias intertextuais na legenda da imagem (figura 5) orientou-nos a investigar como essas tipologias foram explicadas no portal “mundoeducação”. Verificamos que há ausências de explicações das classificações tipológicas, e, assim, analisamos a intertextualidade em sentido estrito com base nas propostas de Koch, Bentes e Cavalcante (2012) e na intertextualidade explícita e intertextualidade implícita de Bazerman (2011).

Observamos na figura 7, um exemplar de gênero no qual a docente chama atenção para outro tipo de intertextualidade – a relação dialógica entre o texto fonte “Quadrilha” e a canção “Flor de idade” de Chico Buarque – no texto dessa canção aparece a disposição de nomes diferentes dos personagens do poema na última estrofe. Neste ponto, investigamos a presença da classificação tipológica “citação” disposta em Koch, Bentes e Cavalcante (2012), e percebemos que se aproxima da classificação de intertextualidade explícita de Bazerman (2011), “citação direta”. Assim, analisamos as respectivas tipologias, indicando-as no intertexto da canção “Flor de idade”.

Ainda no portal “mundoeducação”, verificamos que o produtor desse portal continua a tentativa de explicar a intertextualidade do poema “Quadrilha” com outra canção “Espinho na roseira/Drumonda” da banda Karnak, como vemos na figura 8.

Transcrevemos algumas estrofes dessa canção, pois observamos que ela não estava expressa no portal, e desse modo, analisamos a presença de intertextualidade implícita na canção sob a classificação “paródia”, seguindo a perspectiva de Koch, Bentes e Cavalcante (2012), e do “movimento através dos contextos/recontextualização” de Bazerman (2011).

A afirmação no portal (figura 9) de que a intertextualidade “não precisa ser necessariamente de um mesmo gênero. Se você não conhecesse o texto fonte, ‘Quadrilha’, você não perceberia sua influência sobre as músicas de Chico Buarque e da banda Karnak”, alertou-nos quanto a possibilidade de uma confusão teórica entre a intertextualidade como relação entre textos e a intertextualidade como relação entre gêneros. Diante disso, propomos análises com base nas propostas de Koch, Bentes e Cavalcante (2012), Marcuschi (2008) e Bazerman (2011), de sorte que explicamos brevemente que é possível analisar a intertextualidade a partir dos textos, discursos e gêneros.

Além da intertextualidade explícita na canção “Espinho na roseira/Drummonda”, outra possibilidade ocorre nas investigações, isto é, a presença de intertextualidade implícita. Vemos a primeira opção no título da canção “Drummonda”, indicando uma “referência” / “referência textual” ao texto do poeta, ou ao próprio poeta Carlos Drummond de Andrade. O segundo aspecto no plano da implicitude, verificamos a tipologia intertextual “paródia” proposta por Koch, Bentes e Cavalcante (2012), e analisamos a proximidade desta tipologia com o nível 3 da classificação de Bazerman (2011), denominado “movimento através do contexto/recontextualização”.

Como as tipologias intertextuais podem manifestar-se nos textos isolada ou conjuntamente, na canção “Espinho na roseira/Drummonda verificamos que o título “Drummonda” ainda transparece um possível *detournement* (tipologia proposta por KOCH, BENTES E CAVALCANTE, 2012).

Em relação ao segundo portal “educacao.português”, na primeira parte, percebemos que a docente explica a intertextualidade através de dois conjuntos de gêneros, mas ela não aborda as tipologias intertextuais. Vemos uma explicação vaga da intertextualidade por meio da exposição da canção “Tudo vale a pena” e do cartum “Vida de passarinho”. Contudo, a canção também não foi transcrita para as explicações das tipologias intertextuais, sendo assim, verificamos na sua última

estrofe os versos “Então tudo vale a pena/ **Sua** alma não é pequena”, que retoma alguns versos do poema “Mar português”, “Tudo vale a pena/ **Se** a alma não é pequena”.

Na canção “Tudo vale a pena”, percebemos a presença da explicitude intertextual, através da modalidade “citação” e “referência” conforme dispõem Koch, Bentes e Cavalcante (2012), uma vez que para essas autoras a referência diz respeito ao autor do texto fonte. Investigamos esta intertextualidade inclusive no nível 4 da teoria de Bazerman (2011) que trata sobre a referência textual e analisamos que nesse ponto as tipologias intertextuais divergem.

Ao observarmos a linguagem do intertexto da canção “Tudo vale a pena”, percebemos que a intertextualidade ocorre no plano verbal, enquanto que no cartaz do portal “mundoeducação”, o intertexto revela-se predominantemente pela linguagem verbo-visual.

Investigamos também as relações intertextuais no conjunto de gêneros disposto na figura 11, o cartum “Vida de Passarinho” mantém relação intertextual com o poema “No meio do caminho” de Carlos Drummond de Andrade. Nas análises do intertexto do cartum, seguimos a classificação tipológica “citação” de Koch, Bentes e Cavalcante (2012), e “citação direta” de Bazerman (2012).

Apesar da docente não ter explicado as tipologias intertextuais na primeira parte do portal “portugues.com”, constatamos que na segunda parte, ela separou as explicações das tipologias de intertextualidade em: citação, paródia e paráfrase, explicando cada tipologia a partir de textos e gêneros diversificados.

Assim, na figura 12 observamos a intertextualidade “Do pó vieste, ao pó voltarás” como exemplo de “citação” exposto no mencionado portal. Investigamos o aspecto da linguagem verbo-visual do intertexto e analisamos essa tipologia intertextual com base em Koch, Bentes e Cavalcante (2012) e através da “citação direta” proposta por Bazerman (2011).

Na figura 13 do portal “educação.português”, vemos o conceito de “paródia”, percebemos que os exemplares de gêneros expostos nas explicações da intertextualidade tratam-se de textos literários, e por isso, analisamos a paródia de Jô Soares conforme o conceito disposto em Koch, Bentes e Cavalcante (2012). Verificamos que a implicitude da paródia implica no “movimento através dos contextos

ou recontextualização” de Bazerman (2011), de modo que investigamos a implicitude intertextual com base nas relações entre essas tipologias, compreendidas no intertexto dos versos “minha terra tem cascatas”, “As aves, aqui, gorjeiam”, etc.

Na figura 14, a expressão “fazer paráfrase significa reproduzir as ideias de um texto, só que utilizando outras palavras, dentro de uma nova montagem”, indica um possível conceito que se assemelha ao que propôs Koch, Bentes e Cavalcante (2012), verificamos essa possibilidade de coincidência com as abordagens das autoras. Depois, analisamos a “paráfrase” no poema “Europa, França e Bahia” de Carlos Drummond de Andrade, relacionada a proposta teórica “comentário intertextual” de Bazerman (2011).

Ao direcionarmos as análises para o terceiro portal “brasilecola.com”, na figura 15 observamos a afirmação de que a intertextualidade pode ser classificada em dois tipos: intertextualidade explícita e intertextualidade implícita. Todavia, as explicações dessas relações intertextuais estão organizadas de maneira confusa, e, conseqüentemente, analisamos, primeiro, o anúncio “Horta de elite” através da tipologia “menção” que se encontra nas abordagens propostas por Koch, Bentes e Cavalcante (2012) e Bazerman (2011).

Logo após, investigamos a tipologia de intertextualidade implícita no anúncio da empresa “Nestlé”, e o analisamos também com base nos respectivos autores. Percebemos que o título na figura 18 “meu bem, você me dá água na boca” poderia ser classificado como intertextualidade implícita tal como afirmou o produtor do portal “brasilecola.com”. No entanto, ao verificarmos detalhadamente o anúncio, a tipologia que se adequa ao intertexto do título consiste na intertextualidade explícita, com as classificações “citação” e “referência textual”, a qual podemos compreendê-las somente pelo texto verbal.

Finalmente formulamos quadros exemplificativos das tipologias intertextuais investigadas nesta pesquisa, para facilitar a compreensão da comparação teórica das análises e, possivelmente, ensejar aplicações em futuras práticas no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

5. ANÁLISES DOS DADOS: CONCEITOS E TIPOLOGIAS DA INTERTEXTUALIDADE NOS PORTAIS WEB EDUCATIVOS

Este capítulo apresenta as discussões e análises dos resultados obtidos através dos dados desta pesquisa, de modo que o organizamos em duas partes. No primeiro tópico, discutimos os resultados das análises dos conceitos da intertextualidade expostos nos portais web educativos, e na segunda parte, analisamos as explicações das tipologias da intertextualidade com base na Linguística Textual e Teoria dos gêneros. Contudo, antes de apresentarmos essa discussão, descrevemos alguns aspectos específicos das investigações em cada amostra da pesquisa, contextualizando-os quanto aos objetivos deste trabalho.

O primeiro portal selecionado foi o “mundoeducacao.com”. Nesse portal, há a explicação didática do conceito de intertextualidade, relacionada a perspectiva teórica do dialogismo, o que nos indica uma análise específica desse conceito com base na concepção aceita por Marcuschi (2008), Koch, Bentes e Cavalcante (2012) e Bazerman (2011).

Também escolhemos esse portal por conter explicações sobre a intertextualidade a partir de diferentes textos e gêneros que servem como exemplares didáticos para as explicações das tipologias intertextuais explícitas e implícitas. Essas explanações aparecem de modo vago e confuso, apenas com a menção aos termos “citação”, “paráfrase” e “paródia” nas legendas de algumas imagens, e por isso, analisamos as respectivas tipologias intertextuais por meio das propostas teóricas da LT e Teoria dos gêneros.

O segundo portal que selecionamos é o “educacao.português”, observamos na primeira parte desse portal um conceito que transparece uma confusão teórica, direcionado à concepção da intertextualidade no âmbito da Literatura, assim, analisamos-no com base no disposto em Koch, Bentes e Cavalcante, relacionando-o ao conceito de Bazerman (2011), que criou uma concepção de intertextualidade no âmbito da Teoria dos Gêneros.

Na primeira parte do portal “educacao.português”, não há explicações da intertextualidade a partir das tipologias intertextuais, pois esse portal detém-se, quanto às explicações da intertextualidade, na perspectiva literária. Devido às ausências dessas explicações das tipologias da intertextualidade nos textos expressos como

exemplos didáticos, a nossa defesa é de que podemos analisar as tipologias da intertextualidade na perspectiva da LT como da abordagem da teoria dos gêneros, principalmente no que diz respeito aos portais web educativos ou a outros suportes que se constituem em um sistema de gêneros.

Na segunda parte para baixo do portal “educação.português”, existem explicações sobre as tipologias intertextuais “citação”, “paródia” e “paráfrase”, que parecem seguir a perspectiva de investigação no âmbito da Literatura de Sant’Anna (2003). Portanto, de encontro à essa visão literária, as análises desta pesquisa seguem as tipologias propostas pela LT, isto é, as tipologias de intertextualidade explícita e implícita dispostas em Koch, Bentes e Cavalcante (2012), e na teoria de Bazerman (2011).

Finalmente, selecionamos o terceiro portal “brasile scola.com” porque chamou-nos a atenção o título “Tipos de intertextualidade”, bem como os anúncios publicitários que servem como exemplares da exposição didática da intertextualidade. Nesse portal, o conceito é explicado sob o aspecto da teoria da Polifonia, e podemos encontrá-lo nos trabalhos de Koch, Bentes e Cavalcante (2012), e Cavalcante e Brito (2010), mas que ainda necessita de futura sistematização. Em seguida, investigamos as explicações das tipologias de intertextualidade explícita e intertextualidade implícita no respectivo portal também com base nos autores supramencionados.

Além do mais, as primeiras investigações revelaram que alguns exemplares de textos expostos nos portais web educativos parecem ser predominantemente verbais, daí porque discutimos brevemente esse aspecto, uma vez que a Linguística Textual considera a diversidade textual como revelante para as análises dos textos.

5.1 Sobre os conceitos de intertextualidade nos portais web educativos

Kristeva (1974) elaborou o conceito de intertextualidade e considerou de modo amplo os aspectos intertextuais e interdiscursivos na constituição de textos literários. Ao seguir esse preceito, a LT recepcionou essa concepção literária com destaque nos trabalhos de Koch, Bentes e Cavalcante (2012). Desse modo, nesta pesquisa resolvemos seguir o conceito dessas autoras, o de Marcuschi (2008) e o de Bazerman (2011), ao constatarmos a presença de conceitos vagos e confusos nos portais web educacionais, o que nos impulsiona a analisá-los.

O portal web educativo “mundoeducacao.com” trata de temas didáticos amplos, entre eles, os de ensino de redação da disciplina de Língua Portuguesa para o Exame Nacional do Ensino Médio. Como podemos ver na figura 1, o título do portal evidencia que o tema consiste na intertextualidade, mas o que nos chamou a atenção foi o subtítulo com o conceito: “a intertextualidade permite o dialogismo entre os diversos tipos de texto, sejam eles linguísticos e extralinguísticos”. Essa concepção parece não se enquadrar no conceito de intertextualidade recepcionado por Koch, Bentes e Cavalcante (2012).

Figura 1 – Conceito de Intertextualidade “Dialogismo”



The screenshot shows the top navigation bar of the website 'Mundo Educação' with a search bar, 'CADASTRE-SE' button, and 'LOGIN' button. Below the navigation bar is a banner for ZATTINI clothing featuring a woman in a leather jacket and text: 'O INVERNO ESTÁ CHEGANDO!', '2 JAQUETAS POR R\$ 199,00', and 'APROVEITE >'. Below the banner is a breadcrumb trail: 'Você está aqui Mundo Educação » Redação » Intertextualidade'. The main heading is 'Intertextualidade' followed by the text: 'A intertextualidade permite o dialogismo entre os diversos tipos de texto, sejam eles linguísticos, sejam extralinguísticos.' Below this text is a small image of a yellow t-shirt and a comment icon with the text '0 Comentários'. The footer of the page indicates it was published by Luana Castro Alves Perez in the 'Redação' section.

Fonte: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/redacao/intertextualidade.htm>. Acesso em: 26/06/2018

A afirmação de que a intertextualidade permite o “dialogismo entre textos” encontra-se confusa, uma vez que segundo o conceito recepcionado pela teoria da

LT a intertextualidade permite o diálogo entre os textos. O dialogismo consiste em uma proposta bahktiniana mais ampla na qual a intertextualidade faz parte, mas que não deve ser confundida com ele.

Koch, Bentes e Cavalcante (2012) ao recepcionarem o conceito de Kristeva (1974) afirmaram que a intertextualidade são “diálogos possíveis” entre textos, sendo assim, refutamos esse primeiro conceito esboçado no subtítulo da figura 1, pois revela-se inadequada a afirmação de que a intertextualidade “permite o dialogismo entre os diversos tipos de textos”.

O Dialogismo, não se encaixa à condição conceitual do tema intertextualidade no âmbito da Linguística Textual, pois esta trata as relações dialógicas da intertextualidade como “diálogo entre textos”. Contudo, pelo que entendemos daquela afirmação “dialogismo entre textos”, a docente pode ter usado este vocábulo “dialogismo” aproximando-o ao segundo conceito de intertextualidade esboçado por Fiorin (2016), em que esse autor remete a ideia das relações intertextuais relacionadas ao plano da “materialidade” entre os diferentes tipos de textos.

A posição que assumimos nas análises dos conceitos da intertextualidade nos portais web educativos é a mesma disposta por Kristeva (1974), ou seja, tanto a intertextualidade quanto a interdiscursividade fazem parte do intertexto, assim, a intertextualidade não permite o dialogismo entre os textos, mas permite a relação intertextual e a relação interdiscursiva, ambas em uma relação dialógica.

Além disso, conforme Marcuschi (2008) e Bazeman (2011) dispõem, o conceito de intertextualidade consiste na relação explícita e implícita entre textos, de modo a produzir novos sentidos. Dessa forma, ampliando o disposto nesses autores, entendemos que a intertextualidade explícita e a intertextualidade implícita se manifestam nos diversos tipos de textos verbais, não verbais e/ou mistos.

Os vocábulos “linguísticos” e “extralinguísticos” no conceito da figura 1 são utilizados pelos pesquisadores dos gêneros de textos, e podem adequar-se aos termos “textos verbais” e “textos não verbais”, tendo em vista que a LT atualmente adota a concepção de texto que envolve diversos e múltiplos aspectos (cotextos, contextos e diferentes linguagens) que excedem ao que se compreendia como predomínio da língua (falada ou escrita).⁷

⁷ Conferir Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 64).

A partir dessas reflexões, outro conceito na figura 2 chamou-nos a atenção através do subtítulo “Você sabe o que é intertextualidade?” Surpreendeu-nos a resposta dada: “influência de um texto em outro”. Não sabemos o que o portal quis indicar quando afirmou que a intertextualidade consiste na “influência” de um texto em outro, subtendemos a partir dessa palavra uma possível afirmação do senso comum, no qual a intertextualidade se configura na sobreposição de um texto em outro.

Figura 2 – Conceito de intertextualidade “influência de um texto sobre outro”



A intertextualidade pode acontecer em forma de citação, paráfrase e paródia, implícita ou explicitamente

Você sabe o que é intertextualidade?

A intertextualidade é a influência de um texto sobre outro. Todo texto, em maior ou menor grau, é um intertexto, pois durante o processo de escrita acontecem relações dialógicas entre os textos que escrevemos e os textos que acessamos ao longo da vida. Esses textos previamente lidos são chamados de textos-fonte. Quer ver só um exemplo? Leia abaixo o

3 SAPATILHAS por R\$ 99,00
APROVEITE >

IMAGENS ILUSTRATIVAS

ZATTINI

Pharmacia
Theriaga

Manipulação de Formulas Farmacêuticas. Qualidade comprovada há mais de 25 anos. Confira!

Saber Mais

Fonte: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/redacao/intertextualidade.htm>. Acesso:26/06/2018.

Ora, a base teórica conceptual da intertextualidade não propõe a ideia de influência de um texto em outro, pois o que pode ocorrer é uma relação dialógica entre os textos, e acrescentamos que essa relação e diálogo entre os textos, discursos e gêneros aponta para um possível modo “isonômico” ou equitativo das relações intertextuais, e não um texto sobreposto a outro texto. Os textos não “influenciam” ou sobrepõem-se na produção de outros textos, eles interagem textualmente nos planos explícitos e implícitos através de uma relação entre os textos fontes e os intertextos.

Se tal influência ou sobreposição nas relações intertextuais existisse na perspectiva teórica, poderíamos depreendê-las pelo conceito de Kristeva (1974), o que não acontece, pois Koch, Bentes e Cavalcante (2012), ao recepcionarem o conceito dessa pesquisadora, não indicam a ideia de que a intertextualidade consiste na influência de um texto em outro, apenas propõem um diálogo entre os intertextos e interdiscursos.

Além das relações textuais, as relações genéricas também constituem a intertextualidade, conforme explicou Marcuschi (2008) no conceito de intergenericidade. Por isso, também não encontramos nas propostas teóricas deste pesquisador a ideia da intertextualidade como influência entre textos, logo, esse primeiro conceito do portal “mundoeducação” distoa das abordagens da LT.

Um outro conceito de intertextualidade foi apresentado na figura 2 do portal “mundoeducação” e afirma que “todo texto, em maior ou menor grau, é um intertexto”. Malgrado, esse aspecto do “maior ou menor grau” possa ser pensado quanto a explicitude e implicitude da intertextualidade proposta por Bazerman (2011), essa expressão parece inadequada ao propósito conceitual da intertextualidade porque não são os graus, no sentido do tamanho dos textos, que se relacionam. Não se tem um texto maior ou um texto menor na relação intertextual, os textos interagem entre si de maneira mais ou menos explícita e/ou implícita através de um diálogo.

Quanto à utilização do termo “intertexto” no conceito da figura 2, este encontra-se adequadamente disposto em Marcuschi (2008), quando o revisita nos postulados teóricos de Maingueneau (1997). Trata-se de uma denominação formulada por esse último pesquisador, presente também na obra de Koch, Bentes e Cavalcante (2012), onde essas autoras recorreram ao vocábulo “intertexto”, baseadas no postulado marcuschiano.

Ainda sobre a análise dos conceitos, percebemos outra confusão teórica nas postagens do portal “mundoeducação” (figura 2): a relação do conceito da figura 1 “a intertextualidade ocorre entre textos que podem ser linguísticos ou extralinguísticos”, com o conceito da figura 2, em que a intertextualidade se efetiva nas “relações dialógicas entre os textos que escrevemos e os que acessamos ao longo da vida”. O equívoco teórico ocorre porque a intertextualidade acontece entre diferentes tipos de textos verbais, não verbais e/ou mistos, que se escreve, lê, ouve e vê, em vários contextos sociocomunicativos e sociointerativos. Portanto, a afirmação “ao longo da

vida” indica uma possível sugestão de que apenas textos fontes “contemporâneos” pudessem se relacionar e formar intertextos.

Ao investigarmos o segundo portal “educação. português” vimos na figura 3 que o tema é explicado como assunto comum no Enem e acontece “quando o texto retoma parte ou totalidade de outro texto – texto fonte”. Em seguida, a professora justifica os exemplos de intertextualidade, e afirma que os textos “mais reverenciados pela literatura” são retomados por autores brasileiros.

Figura 3 – Concepção de intertextualidade “relação com textos fontes literários”

educação. português

ENEM ▾ BIOLOGIA ▾ FÍSICA ▾ GEOGRAFIA ▾ HISTÓRIA ▾ LITERATURA ▾ MATEMÁTICA ▾ PORTUGUÊS ▾ QUÍMICA ▾ PROVAS ▾ TELECURSO

educação | português | estudo do texto | intertextualidade

Intertextualidade

Por Elaine Brito Souza
Mestre em Literatura Brasileira pela UERJ; Doutoranda em Literatura Brasileira pela UFRJ

Recomendar 76 | Tweetar | G+

RELAÇÃO ENTRE TEXTOS | CITAÇÃO | PARÓDIA | PARÁFRASE | CAIU NO ENEM

RELAÇÃO ENTRE TEXTOS

Assunto comum no Enem, a intertextualidade acontece quando um texto retoma uma parte ou a totalidade de outro texto – o texto fonte. Geralmente, os textos fontes são aqueles considerados fundamentais em uma determinada cultura. No exemplo dado, compositores brasileiros contemporâneos retomam um dos textos mais reverenciados da literatura portuguesa.

Fonte: <http://educacao.globo.com/portugues/assunto/estudodotexto/intertextualidade.html>.
Acesso: 29/10/2018.

Entretanto, esse conceito exposto na figura 3 manifesta-se de modo equivocado, uma vez que além dos textos literários, outros diversos textos podem

servir de textos fontes para o novo intertexto. Inclusive, os diversos exemplares de gêneros do cotidiano também podem direcionar a produção e a recepção da intertextualidade.

No caso desse conceito de intertextualidade que trata da retomada de parte ou totalidade de textos fontes literários (figura 3), podemos dizer que ele enfrenta uma especificação, pois orienta os leitores a compreenderem a intertextualidade na perspectiva literária, como se somente textos literários pudessem ser retomados no intertexto.

Aliás, como vimos no aspecto teórico dos primórdios investigativos da intertextualidade, a sua origem esteve atrelada a abordagem literária, e o conceito de Kristeva (1974) remete a questão ampla da intertextualidade e interdiscursividade nos textos literários. Koch, Bentes e Cavalcante (2012) também consideraram a intertextualidade em textos literários, no entanto, a LT ampliou as bases de investigação textual, e, por isso, quaisquer textos, inclusive os gêneros, podem conter a intertextualidade. E esta manifesta-se de modo explícito e implícito nas relações intertextuais.

No quarto parágrafo da figura 3, há a explicação de que a intertextualidade se revela por meio da relação entre “dois textos, distantes no tempo e no espaço, que dialogam entre si”. Tem-se outra afirmação equivocada, pois não são os textos no sentido de “materialidade textual” que se encontram distantes no tempo e no espaço; acreditamos que possivelmente os propósitos comunicativos dos gêneros se “distanciam” conforme os contextos socioculturais retratados.⁸

Então, dizer no conceito da intertextualidade que os textos se encontram distantes no tempo e espaço não condiz aos aspectos sistematizados à luz da LT e da Teoria dos gêneros, pois o que há é uma relação intertextual que independe deste tipo de distanciamento. Em outras palavras, os textos relacionam-se explícita ou implicitamente e não dependem de distância tempo-espacial entre eles para que essa relação ocorra.

Sugerimos o distanciamento do tempo e do espaço no conceito de intertextualidade apenas sob o aspecto discursivo dessa relação, pois Marcuschi

⁸ Biasi-Rodrigues e Bezerra (2012) explicam que o propósito comunicativo tem a ver exatamente com aquilo que os gêneros realizam na sociedade.

(2008) explicou que os sentidos dos intertextos se aproximam ou se distanciam explícita ou implicitamente nos textos quanto à forma e à função que estabelecem nas relações intertextuais. Logo, os textos não se distanciam nas relações dialógicas, mas os sentidos por eles expressos podem se distanciar ou se aproximar.

Assim, não compactuamos com a afirmação da docente no portal “educação.português” de que na intertextualidade “os textos distantes no tempo e no espaço” dialogam entre si. A intertextualidade constitui-se em um fenômeno de construção de sentidos, e estes podem indicar um distanciamento ou proximidade entre o texto-fonte e o intertexto, possivelmente abstraídos através de “marcas” do texto-fonte explícitas ou implícitas no intertexto.

Nesse ponto seguimos Marcuschi (2008), pois seus estudos da intertextualidade relacionaram as teorias textuais, discursivas e genéricas. Esse pesquisador não propôs um conceito de intertextualidade que contemplasse os três aspectos, e, portanto, ressaltamos a possibilidade de futuros estudos teóricos que ampliem as análises sobre a concepção da intertextualidade.

Ainda no que diz respeito ao distanciamento intertextual sugerido no conceito do portal “português.com”, Bazerman (2011) indica a existência de um possível distanciamento dos sentidos nas relações de implicitude e explicitude quanto aos textos fontes, mas não informa com clareza se isso realmente ocorre nos intertextos.

Em relação à análise do conceito de intertextualidade no terceiro portal “brasilescola.com” (figura 4), observamos a seguinte afirmação: “as relações dialógicas entre os textos é um conceito inerente a intertextualidade (...). Um texto pode apresentar diversas vozes, para as quais damos o nome de polifonia”.

A docente explicou um conceito de intertextualidade relacionado à teoria da Polifonia, em seguida, expôs as classificações da intertextualidade: paródias, paráfrases e citações; a partir dos respectivos tipos – intertextualidade explícita e intertextualidade implícita.

Figura 4 – Conceito de Intertextualidade e a teoria da “Polifonia”

Você já deve ter percebido que as relações dialógicas entre textos é um conceito inerente à intertextualidade e que, quanto mais lemos e conhecemos os textos fontes, mais inferências somos capazes de realizar. Um texto pode apresentar diversas vozes, para as quais damos o nome de polifonia, que nada mais é do que as referências presentes nas entrelinhas do texto. Muitos escritores e compositores utilizaram esse recurso na construção de paródias, paráfrases ou citações. Como é um conceito amplo e passível de classificações, a intertextualidade pode ser classificada em dois tipos principais: intertextualidade explícita e intertextualidade implícita.

estão disponíveis. Acesse aqui o cartão!

Fonte: disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/tipos-intertextualidade.html>.
Acesso: 15/11/2018

A investigação da teoria da intertextualidade relacionada a teoria da polifonia ocorre nos estudos de Cavalcante e Brito (2010) e nas propostas de Koch, Bentes e Cavalcante (2012). As pesquisadoras ponderaram essa vinculação teórica da intertextualidade com a heterogeneidade discursiva. Todavia, elas não elaboraram um conceito de intertextualidade quando relacionaram as teorias, e por isso, sugerimos novas pesquisas e criação de um possível novo conceito sob esse viés linguístico polifônico.

Por conseguinte, o conceito exposto na figura 4 não tem como seguir uma abordagem teórica conceptual específica, pois embora existam estudos da intertextualidade no aspecto da polifonia, o conceito ainda carece de sistematização.

Desde já, podemos ressaltar que a intertextualidade manifesta nas vozes expressas nos textos importa para a construção de sentidos dos intertextos, especialmente, no que diz respeito a intertextualidade como estratégia e orientação argumentativas.

Ademais, frente a essas discussões dos conceitos nos portais web educativos, podemos esboçar algumas constatações: a) as concepções de intertextualidade encontram-se confusas e, na maioria das vezes, destoantes das abordagens teóricas da intertextualidade; b) em comum, os três portais tratam basicamente da

intertextualidade explícita e intertextualidade implícita, o que denota a possibilidade de análises do conceito da intertextualidade com base na LT e na concepção de Bazerman (2011).

Em decorrência da confusão gerada nos conceitos expostos nesses portais, sugerimos um possível novo conceito de intertextualidade, proposto de modo interdisciplinar, que se resume da seguinte forma: a intertextualidade consiste em um fenômeno textual, discursivo e genérico, de relações explícitas e implícitas entre textos, discursos e gêneros, que se manifesta em situações sociocomunicativas e discursivas diversas, com o intuito de produzir novos sentidos.

A primeira parte do conceito tenta seguir a concepção de Bazerman (2011), que aborda a intertextualidade através das relações explícitas e implícitas entre textos. Na segunda parte, seguimos o viés discursivo e genérico de Marcuschi (2008), e a parte final do conceito diz respeito a orientação de Koch, Bentes e Cavalcante (2012) sobre a intertextualidade como construção de sentidos nos contextos em que as relações intertextuais aparecem.

Desse modo, verificamos que conceitos distintos convergem para um ponto em comum – indicam a intertextualidade como relações explícitas e implícitas entre textos. E essas relações intertextuais acontecem também no plano interdiscursivo e na intergericidade, de sorte que no novo intertexto possa haver novos sentidos.

A sugestão desse conceito não se restringe a uma abordagem textual e discursiva da intertextualidade, pois os gêneros provavelmente podem interferir nas relações intertextuais, isto é, as situações de uso das linguagens, os estilos genéricos, as situações sociointerativas, todos esses aspectos podem estar intrínsecos nas composições da intertextualidade.

Portanto, o conceito ora arrazoado consiste em um ponto de partida para outras investigações da intertextualidade que se revele em diversas tipologias, entre as quais, a intertextualidade explícita e a intertextualidade implícita, analisadas no subtópico a seguir.

6.2. As tipologias da intertextualidade nos portais web educativos

Conforme vimos, as tipologias da intertextualidade surgiram da necessidade de se ampliarem os estudos das relações intertextuais no âmbito da Literatura.

Posteriormente, outros pesquisadores destinaram as investigações das tipologias intertextuais às abordagens da Linguística Textual que, por consistir em um ramo interdisciplinar de pesquisa, margeia diversas outras abordagens da Linguística como as teorias discursivas e teorias genéricas.

Introduzimos as análises das tipologias intertextuais nos portais web educativos através da abordagem da intergenericidade proposta por Marcuschi (2008), pois consideramos este autor o pioneiro na investigação da relação intertextual entre textos, discursos e gêneros. Ao analisar essa relação, ele estabeleceu uma proximidade teórica a qual não foi bem aceita por Nobre (2014), uma vez que este priorizou as investigações das tipologias da intertextualidade quanto “a materialidade textual”, indicando como opção não a adequar ao viés discursivo e genérico.

Diante desse cenário teórico aparentemente contraditório, propomos analisar as tipologias de intertextualidade nos portais web educativos com base na LT e na Teoria dos gêneros, isto porque os aspectos inerentes aos portais favorecem a esse tipo de investigação.

O critério textual, discursivo e genérico da intergenericidade de Marcuschi (2008) encontra-se presente em um exemplar de gênero (cartaz), exposto no portal “mundoeducacao.com”, onde cabe uma discussão preliminar.

Figura 5 – Tipologia da Intertextualidade na legenda da imagem



Fonte: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/redacao/intertextualidade.htm>. Acesso em: 26/06/2018.

Podemos ver na figura 5 as tipologias de intertextualidade expostas na legenda da imagem através da afirmação: “a intertextualidade pode acontecer em forma de citação, paráfrase e paródia, implícita ou explicitamente”. Em seguida, não há

explicações dessas tipologias intertextuais no decorrer do portal, tendo em vista que na figura 6 a seguir, a docente não relaciona essas tipologias (citação, paráfrase e paródia, implícita ou explicitamente) aos exemplares de gêneros expostos, ela apenas indica na legenda da imagem do cartaz (figura 6) que é “a partir dos textos-fontes, que outros textos são criados”.

Figura 6 – Poema “Quadrilha” e Cartaz



3 SAPATILHAS por R\$ 99,00
APROVEITE >

ZATTINI

Você sabe o que é intertextualidade?

A intertextualidade é a influência de um texto sobre outro. Todo texto, em maior ou menor grau, é um intertexto, pois durante o processo de escrita acontecem relações dialógicas entre os textos que escrevemos e os textos que acessamos ao longo da vida. Esses textos previamente lidos são chamados de textos-fonte. Quer ver só um exemplo? Leia abaixo o poema *Quadrilha*, de Carlos Drummond de Andrade:

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.

João foi para o Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.



A partir dos textos-fonte, outros textos são criados. A intertextualidade acontece dessa maneira

Então, vemos na figura 6 o conceito de intertextualidade como “influência de um texto sobre outro”, e logo após, a exposição de dois exemplares de gêneros, o poema “Quadrilha” de Carlos Drummond de Andrade e um cartaz que se constitui no intertexto. Como não há explicações das tipologias intertextuais, analisamos-nas da seguinte maneira.

Constatamos a presença da intergenericidade no cartaz, quando o texto fonte “Quadrilha” aparece no plano explícito do intertexto (forma), ou seja, verificamos a intertextualidade intergenérica na própria composição do cartaz através das transformações, e nele vemos à composição do poema. Essa relação intertextual também pode ocorrer no plano da função, em que os interdiscursos do texto fonte imbricam-se no intertexto do cartaz. Trata-se do que Marcuschi (2008) denomina de relações intergenéricas entre formas e funções.

No plano dos sentidos (função), o poema em prosa “Quadrilha” de Drummond, “materializado” como texto fonte no intertexto do cartaz, consiste em uma narrativa poética que conduz o leitor a uma cena de faroeste caboclo entre amantes. Essa referência intertextual ao poema pode ter levado o produtor do cartaz à reescrita intergenérica, de modo a guiar os interlocutores à construção dos sentidos no intertexto, e provavelmente indicar uma possível procura de pessoas criminosas, amantes que cometeram o crime de amar outras diversas pessoas.

Acreditamos que o cartaz exposto na figura 6 consiste na hibridização ou mescla de textos, discursos e gêneros, entendida aqui como um novo intertexto, que foi produzido a partir da relação intertextual intergenérica estabelecida com o texto-fonte, poema “Quadrilha”.

Marcuschi (2008) não vislumbra uma abordagem de estudo dos gêneros relacionada aos textos não verbais, nesse ponto, ratificamos a nossa posição de que a intergenericidade pode ocorrer em textos multissemióticos. Assim, o intertexto do cartaz configura-se na forma (explicitude) do texto “materializado” do poema narrativo “Quadrilha”, e esse texto fonte confunde-se hibridamente ao novo texto intergenérico, o cartaz através de elementos constantes nos planos verbal e visual.

Malgrado essa inovação marcuschiana na investigação da intertextualidade intergenérica quanto aos textos, discursos e gêneros, percebemos que esse pesquisador não ampliou as pesquisas no que tange as tipologias da intertextualidade.

Ao contrário de Nobre (2014), por exemplo, que sistematizou as categorias intertextuais no plano da “materialidade textual” e explicou-as detalhadamente.

Portanto, no plano da função (implicitude) da intergenericidade, os interdiscursos podem sugerir a procura por diferentes amores, e/ou então as múltiplas possibilidades de relações amorosas entre sujeitos diversos, e/ou ainda os diversos relacionamentos que se inter cruzam no intertexto.

A explicitude e implicitude das relações intergenéricas presentes no cartaz da figura 6, que foram vagamente expostas na legenda da figura 5, apontam para outra constatação – uma provável tentativa de demonstrar as tipologias e classificações da intertextualidade *stricto sensu* de Koch, Bentes e Cavalcante (2012).

Os exemplos da figura 6 reforçam essa possibilidade; logo, percebemos que o poema “Quadrilha” e o texto verbo-visual do cartaz mantêm uma relação intertextual explícita, e esta explicitude se dá através da modalidade *citação*, presente no plano da forma, estabelecida entre esses dois textos.

Ainda nesta mesma linha de raciocínio, podemos dizer que os exemplos da figura 6 poderiam também ser explicados pela docente a partir da tipologia de intertextualidade em sentido amplo de Koch, Bentes e Cavalcante (2012), isto é, o domínio da “intertextualidade genérica” nas relações intertextuais, a partir da forma composicional, do conteúdo temático e do estilo dos gêneros.

Desde já, ressaltamos que não há uma relação de aproximação entre a tipologia *lato sensu* e a intergenericidade de Marcuschi (2008) nesta pesquisa, apesar de ambas as teorias contemplarem os aspectos textuais, discursivos e genéricos, elas configuram-se em abordagens distintas, que geram análises também diferentes, as quais não iremos aprofundar.

Por isso, diante da amplitude teórica que as análises da relação intertextual (entre texto, discurso e gênero) despertam a este trabalho, optamos pelas abordagens em sentido estrito ou *stricto sensu* de Koch, Bentes e Cavalcante (2012), e à perspectiva de níveis de explicitude e implicitude da intertextualidade de Bazerman (2011), uma vez que a tipologia da intertextualidade *lato sensu* das autoras não leva em consideração a explicitude e implicitude nas relações genéricas.

Neste sentido, a partir dos próximos parágrafos detemos-nos na investigação das relações da intertextualidade *stricto sensu*, relacionando-a a intertextualidade

explícita e implícita proposta por Bazerman (2011), o que não exclui outras futuras possibilidades de análises com base na intertextualidade em sentido amplo.

Outra consideração relevante é que para fins de analisar as tipologias intertextuais, daqui em diante as investigamos nos conjuntos de gêneros dispostos nos portais web educativos, pois estes constituem-se em sistemas de gêneros onde os conjuntos genéricos se manifestam intertextualmente. Ademais, feitas as devidas observações, retornemos às análises.

Na figura 6, constamos a presença da tipologia de intertextualidade em sentido estrito explícita, citação, presente no cartaz. Essa citação proposta por Koch, Bentes e Cavalcante (2012) aproxima-se do nível 4 de intertextualidade explícita de Bazerman (2011), pois o intertexto do cartaz apoia-se em certos tipos reconhecíveis da linguagem e estilo do poema “Quadrilha”.

A citação, segundo esse autor, como técnica de representação intertextual pode ser direta ou indireta, e, no caso do cartaz, percebemos a citação direta, em que o texto fonte é citado de modo explícito e direto no intertexto do cartaz.

Essa relação entre a citação de Koch, Bentes e Cavalcante (2012) e a citação direta de Bazerman (2011) revela que ambas coincidem quanto a abordagem textual e genérica na intertextualidade, trata-se, pois, de mudança de nomenclatura, mas os sentidos dos conceitos dessas classificações tipológicas indicam tratar-se de tipologias que se assemelham.

Acontece que Koch, Bentes e Cavalcante (2012) não aprofundaram a investigação do alcance ou distância intertextual da explicitude no intertexto, isso foi feito por Bazerman (2011) através da tipologia denominada referência textual. Este autor inclui além da referência ao autor do texto fonte, a referência também ao texto fonte do autor. Por sua vez, aquelas autoras abordam tão somente a referência ao autor do texto fonte.

Dessa forma, no cartaz (figura 6), além da citação e citação direta, podemos indicar a presença da intertextualidade explícita na modalidade de referência textual (referência ao texto fonte do autor), mas não percebemos a tipologia *referência* relacionada ao autor do texto fonte.

Nesse ponto, podemos constatar que as tipologias intertextuais coincidem parcialmente no que tange a explicitude intertextual, e assim, organizamos-nas no quadro a seguir.

Quadro 6 – Quadro de comparação teórica da explicitude intertextual no cartaz do portal “mundoeducação”.

INTERTEXTUALIDADE EXPLÍCITA	
Koch, Bentes e Cavalcante (2012)	Bazerman (2011)
Citação	Citação direta Referência textual


Fonte: A pesquisa.

Ainda em continuação das análises das tipologias no primeiro portal “mundoeducacao.com”, verificamos na figura 7 outro exemplar de gênero no qual a docente chama atenção para outro tipo de intertextualidade: o diálogo entre o texto fonte “Quadrilha” e a canção “Flor de idade” de Chico Buarque.


Figura 7 – Canção “Flor de idade”.

Agora observe o diálogo entre o texto-fonte, que é o poema de Drummond, com a música Flor da Idade, de Chico Buarque:


A gente faz hora, faz fila na vila do meio dia
Pra ver Maria
A gente almoça e só se coça e se roça e só se vicia
A porta dela não tem tramela
A janela é sem gelosia
Nem desconfia
Ai, a primeira festa, a primeira fresta, o primeiro amor
Na hora certa, a casa aberta, o pijama aberto, a família
A armadilha
A mesa posta de peixe, deixe um cheirinho da sua filha
Ela vive parada no sucesso do rádio de pilha
Que maravilha
Ai, o primeiro copo, o primeiro corpo, o primeiro amor
Vê passar ela, como dança, balança, avança e recua
A gente sua
A roupa suja da cuja se lava no meio da rua
Despudorada, dada, a danada agrada andar seminua
E continua
Ai, a primeira dama, o primeiro drama, o primeiro amor
Carlos amava Dora que amava Lia que amava Léa que
amava Paulo que amava Juca que amava Dora que amava
Carlos amava Dora que amava Rita que amava Dito que
amava Rita que amava Dito que amava Rita que amava
Carlos amava Dora que amava Pedro que amava tanto
que amava a filha que amava Carlos que amava Dora
que amava toda a quadrilha.



dinossauros



Educação Física
Zabivaka, o Mascote da
Copa 2018



EURO SHOPPING BRASIL
Loja online de Perfumes e
cosméticos com diversas
marcas de Paris. Promoçõ...

Fonte: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/redacao/intertextualidade.htm>. Acesso em: 26/06/2018

O primeiro verso da última estrofe “Carlos amava Dora que amava Lia que amava Léa que amava Paulo (...)” (figura 7) consiste em outra citação direta, e, diferentemente do cartaz da figura 6, não se tem a intergenericidade, pois não houve a mesclagem ou hibridização dos textos e dos gêneros.

A intertextualidade “Carlos amava Dora que amava Lia que amava Léa (...)” expressa no final da letra da canção “Flor de idade” (figura 7), por ser explícita na forma de citação, aproxima-se do nível 2 de explicitude da abordagem teórica de Bazerman (2011). O referido intertexto remete aos dramas sociais explícitos semelhantes aos retratados no texto fonte “Quadrilha”. Neste último, indicam-se as diferentes formas de amar entre as pessoas, enquanto que o intertexto da canção informa, além dessas diferenças, os distintos amores que os sujeitos vivem ao longo do tempo.

A explicitude da intertextualidade presente na canção “Flor de idade” orienta a proximidade entre os textos através da citação e da citação direta, como também da referência textual de Bazerman (2011). Além disso, essas classificações da intertextualidade praticamente se repetem ao longo da canção. Desse modo, reiteramos, pois, algumas informações do quadro 7, uma vez que as tipologias se repetem.

Quanto aos tipos de textos analisados anteriormente, vemos que se tratam de linguagens distintas. Na canção “Flor de idade”, a intertextualidade explícita encontra-se no plano verbal, enquanto que no cartaz (figura 6), a explicitude pode ser vista pelos aspectos verbal e visual, embora este último não seja relevante para a compreensão do intertexto.

O enunciador no portal “mundoeducação” continua a ideia de que a intertextualidade se expressa por diferentes tipos de textos, e expôs a intertextualidade do poema “Quadrilha” com outra canção “Espinho na roseira/Drumonda” da banda Karnak, como vemos na figura 8.

Figura 8 – Canção “Espinho na roseira”.

Os descompassos do amor, as frustrações e a tragédia pessoal das personagens do poema *Quadrilha*, publicado em 1930 na primeira obra de Drummond, *Alguma Poesia*, ecoam também na música *Espinho na roseira/Drumonda* da banda Karnak:



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=l4rO9mUcINg>. Acesso: 26/06/2018

Logo abaixo, transcrevemos algumas estrofes da letra da canção “Drumonda” para demonstrarmos a intertextualidade com o mencionado poema de Drummond “Quadrilha”, porquanto não houve maiores explicações sobre essa relação intertextual no portal, e também não foi exposta a letra da canção para explicar a intertextualidade.

Banda Karnak

Tem espinho na roseira
 Oi cuidado vai cortar a mão
 Pedro Alcântara do Nascimento
 Amava Rosa Albuquerque Damião
 Pedro Alcântara amava Rosa
 Mas a Rosa num amava ele não
 Rosa Albuquerque amava Jorge
 Amava Jorge Benedito de Jesus
 E o Benedito, bendito Jorge
 Amava Linda que é casada com João
 E o João, João sem Dente
 Amava Carla, Carla da cintura fina
 E a Carla, linda menina
 Amava Antônio Violeiro do sertão
 E o sertão vai virar mar
 E o mar vai virar sertão
 E o Antônio, cabra da peste
 Amava Julia que era filha de Odete
 E a Odete amava Pedro
 Que amava Rosa que era prima de Drumon
 E o Drumon era casado com Maria
 Que era filha de Sofia, mãe de Onofre e de José

E o José era casado com Nazira
 Que era filha de Jandira, concubina de Mané
 E o Mané tinha dezessete filhos
 Dez homem e seis menina e o que ia resolver
 E o rapaz tava já na adolescência
 Tinha brinco na orelha e salto alto pra crescer
 (...)
 Compositor: Andre Abujamr

Conforme lemos, essa canção “Espinho na roseira/Drumonda” também mantém relação intertextual com o poema “Quadrilha”, mas de maneira diversa da canção “Flor de idade” de Chico Buarque. Enquanto esta explicitamente cita o texto fonte no final da última estrofe, a canção “Espinho na Roseira/Drumonda” relaciona-se implicitamente aos versos do poema “Quadrilha” no decorrer da canção.

A intertextualidade implícita em “Espinho na Roseira/Drumonda” assume o tipo *paródia*, pois altera os sentidos do texto fonte para provocar humor ou crítica; entre os versos que indicam a presença desse tipo intertextual na canção, podemos citar estes:

E o Drumon era casado com Maria
 Que era filha de Sofia, mãe de Onofre e de José
 E o José era casado com Nazira
 Que era filha de Jandira, concubina de Mané
 E o Mané tinha dezessete filhos
 Dez homem e seis menina e o que ia resolver
 E o rapaz tava já na adolescência
 Tinha brinco na orelha e salto alto pra crescer

A paródia, portanto, aproxima-se da relação intertextual estabelecida no nível 3 da teoria de Bazerman (2011), denominado movimento através dos contextos/recontextualização, em outras palavras, a implicitude da intertextualidade na canção “Espinho na roseira/Drumonda” gera um movimento através dos contextos porque altera o sentido do intertexto, com o fito de produzir humor e sátira.

A recontextualização na canção delinea uma trajetória de amores conflituosos entre pessoas nordestinas; esses amores atingem o grau máximo representado pelo título “Espinho da roseira”, os quais geram dor, e conseqüentemente, a morte. No poema “Quadrilha” as relações parecem ser abertas e suscetíveis umas às outras. A canção parece informar implicitamente o oposto, as relações amorosas sugerem cortes “oh, cuidado, vai cortar a mão”, indicando que um descuido pode ser fatal.

A construção de sentidos no intertexto pode ser percebida de modo implícito porque foi recontextualizada, e tal como a paródia, o movimento através dos contextos também pode ter esse viés crítico e provocador.

Quadro 7 – Quadro de comparação teórica da implicitude intertextual na canção “Espinho na roseira” do portal “mundoeducação.com”.

INTERTEXTUALIDADE IMPLÍCITA	
Koch, Bentes e Cavalcante (2012)	Bazerman (2011)
Paródia	Movimento através dos contextos/recontextualização

Fonte: A pesquisa.

Assim, constatamos que a paródia e o movimento através dos contextos/recontextualização se constituem em tipologias que se assemelham, pois a alteração de sentidos que ambos provocam no intertexto pode ser entendida implicitamente por algumas marcas do texto fonte no decorrer da canção “Flor de idade”.

Destarte, a professora depois de expor os exemplares de gêneros, e de pouco abordar as tipologias intertextuais, finaliza sua exposição didática no portal “mundoeducacao” (figura 9), retomando a afirmação de que a intertextualidade “não precisa ser necessariamente de um mesmo gênero. Se você não conhecesse o texto fonte, ‘Quadrilha’, você não perceberia sua influência sobre as músicas de Chico Buarque e da banda Karnak” (grifo nosso).

Figura 9 – Explicação da intertextualidade e a relação entre gêneros

Viu só? A intertextualidade é exatamente essa relação dialógica entre dois ou mais textos, que não precisam ser necessariamente de um mesmo gênero. Se você não conhecesse o texto-fonte, isto é, o poema *Quadrilha*, você não perceberia sua influência sobre as músicas de Chico Buarque e da banda Karnak. É por esse motivo que a interpretação textual não depende apenas do conhecimento do código, que é a língua portuguesa, mas também das relações intertextuais que influenciam de maneira decisiva no processo de compreensão e de produção de textos.

Fonte: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/redacao/intertextualidade.htm>. Acesso em: 26/06/2018.

A afirmação na figura 9 de que “a intertextualidade é exatamente essa relação dialógica entre dois ou mais textos, que não precisam ser necessariamente de um mesmo gênero”, parece indicar uma confusão teórica no campo da distinção entre textos e gêneros no que tange às relações intertextuais.

Nesta pesquisa, seguimos a perspectiva de que a investigação da intertextualidade pode ocorrer em consideração aos textos, assim como fizeram as pesquisadoras Koch, Bentes e Cavalcante (2012); no que tange aos textos, discursos e gêneros, como propôs Marcuschi (2008); e no que diz respeito às relações intertextuais entre textos e gêneros tal como dispôs Bazerman (2011).

Portanto, a intertextualidade implícita na canção “Espinho na roseira/Drumonda” pode ser compreendida: 1) no plano da “materialidade textual” através do verso “Rosa Albuquerque amava Jorge Amava Jorge Benedito de Jesus”, entre outros; 2) Sob o aspecto dos sentidos abstraídos nos discursos proferidos no intertexto (interdiscursos), e 3) pela própria composição da canção que foi parodiada e ainda guarda alguns traços estilísticos do poema.

Desse modo, corroboramos a explicação da professora (final da figura 9) de que “as relações intertextuais influenciam de maneira decisiva no processo de compreensão e de produção de textos”.

Sendo assim, as tipologias intertextuais não se destacam de maneira isolada nos intertextos, elas podem se relacionar umas com as outras de diversos modos, é o caso, por exemplo, da intertextualidade da canção “Espinho na roseira/Drumonda, onde o texto fonte “Quadrilha” encontra-se parodiado implicitamente no intertexto da canção, na qual o título “Drumonda” indica um possível *detournement*, alteração vocabular lúdica que provoca humor.

Ademais, podemos perceber ainda a presença de uma explicitude intertextual no respectivo título, classificada como referência ao poeta Carlos Drummond de Andrade ou referência textual ao poema desse autor.

No quadro 8 justificamos a presença conjunta da intertextualidade explícita e intertextualidade implícita na canção, de sorte que poderíamos ampliar as análises à procura de outras tipologias intertextuais que se manifestam nos intertextos.

Quadro 8 – Quadro de comparação teórica da implicitude e explicitude intertextual na canção “Espinho na roseira” no portal “mundoeducaçao.com”

INTERTEXTUALIDADE IMPLÍCITA E INTERTEXTUALIDADE EXPLÍCITA	
Koch, Bentes e Cavalcante (2012)	Bazerman (2011)
<p>Detournement</p> <p>Referência</p>	<p>Referência textual</p>

Fonte: A pesquisa.

A existência de diversas tipologias intertextuais na canção “Espinho na roseira/Drumonda” revelam, então, a simultaneidade delas nos intertextos, isso significa que elas podem aparecer isoladas ou conjuntamente, e orientar a construção de sentidos na canção.

Postas essas discussões, vemos no portal “mundoeducaçao.com” que as explicações da intertextualidade ocorrem de modo vago, a partir de textos prioritariamente literários. Não há a preocupação docente com as abordagens das tipologias da intertextualidade em uma perspectiva ampla, a qual envolva uma variedade de textos e gêneros. Embora haja a afirmação de que a intertextualidade ocorre em diversos textos, os quais acessamos ao longo da vida (figura 6), essa diversidade textual não foi por nós constada no portal.

No que concerne as análises do segundo portal “educaçao.português” (figura 10), verificamos na primeira parte deste que a docente pouco explica a intertextualidade através dos conjuntos de gêneros expostos como exemplares didáticos. A afirmação “assunto comum no Enem, a intertextualidade acontece quando um texto retoma uma parte ou a totalidade de outro texto – o texto fonte”, indica a preocupação com essa temática no ensino de Língua Portuguesa, mas conforme vemos, a professora apenas generaliza as explicações, sugerindo a compreensão da intertextualidade a partir de textos fontes literários.

Figura 10 – Canção “Tudo Vale a pena”

educação. português

ENEM ▾ BIOLOGIA ▾ FÍSICA ▾ GEOGRAFIA ▾ HISTÓRIA ▾ LINGUAGEM ▾ MATEMÁTICA ▾ PORTUGUÊS ▾

educação ▾ português ▾ estudo do texto ▾ intertextualidade

Intertextualidade

 Por Elaine Brito Souza
Mestre em Literatura Brasileira pela UERJ; Doutoranda em Literatura Brasileira pela UFRJ

 Recomendar 76  Tweetar  G+

RELAÇÃO ENTRE TEXTOS CITAÇÃO PARÓDIA PARÁFRASE CAIU NO ENEM

RELAÇÃO ENTRE TEXTOS

Assunto comum no Enem, a intertextualidade acontece quando um texto retoma uma parte ou a totalidade de outro texto – o texto fonte. Geralmente, os textos fontes são aqueles considerados fundamentais em uma determinada cultura. No exemplo dado, compositores brasileiros contemporâneos retomam um dos textos mais reverenciados da literatura portuguesa.

Nos anos 90, Pedro Luis e Fernanda Abreu lançaram a canção “Tudo vale a pena”, cujo refrão diz o seguinte: “Tudo vale a pena, sua alma não é pequena”. O mote, na verdade, faz referência ao famoso poema “Mar português” (1934), do poeta Fernando Pessoa:

*Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.*

Como podemos ver, temos dois textos que, apesar de distantes no tempo e no espaço, dialogam entre si. A intertextualidade é exatamente essa relação, uma forma de diálogo entre dois ou mais textos.

As explicações da intertextualidade na figura 10 ocorrem com base no poema “Mar português” de Fernando Pessoa que mantém relação intertextual com a canção “Tudo vale a pena”. Esta canção, por sua vez, contém a intertextualidade, mas não foi transcrita para as explicações das tipologias intertextuais, o que demonstra uma falta de comprometimento didático.

Em comparação com a parte introdutória do portal anterior “mundoeducacao”, esse portal “educação.português” não apresenta tantas mudanças nas explicações da intertextualidade. No primeiro portal, há a menção às tipologias de intertextualidade na legenda da figura 5, enquanto que na primeira parte do segundo portal não há menção aos tipos intertextuais (figura 10).

Assim, para fins analíticos das tipologias da intertextualidade na primeira parte do portal “educacao.português”, transcrevemos a letra da canção “Tudo Vale a pena” do compositor Pedro Luís, interpretada por Fernanda Abreu, com destaque em negrito para alguns versos da última estrofe, devido a intertextualidade explícita com os versos da segunda estrofe do poema de Fernando Pessoa.

Tudo vale a pena
 (Fernanda Abreu)

Crianças nas praças
 Praças no morro
 Morro de amores, rio
 Rio da leveza desse povo
 Carregado de calor e de luta
 Povo bamba

Cai no samba, dança o funk
 Tem suingue até no jeito de olhar
 Tem balanço no trejeito, no andar
 Andar de cima
 Tem a música tocando
 Andar de trem
 Tem gente em cima equilibrando
 Andar no asfalto
 Os carros quentes vão passando
 Andar de baixo
 Tem a moça no quintal cantarolando
 Rios e baixadas

Com seus vales vale a pena
 Sua pobreza é quase mito
 Quando fito o seu contorno
 Lá do alto de algum dos seus mirantes,
 Que são tantos
 E quem te disse
 Que miséria é só aqui?
 Que a miséria não sorri?

Quem tá falando
 Que não se chora miséria no Japão?
 Quem tá pensando
 Que não existem tesouros na favela?
Então tudo vale a pena
Sua alma não é pequena
 Seus santos são fortes
 Adoro o seu sorriso
 Zona sul ou zona norte
 Seu ritmo é preciso
Então tudo vale a pena
Sua alma não é pequena

Fonte: Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/fernandaabreu/tudo-vale-a-pena.html>. Acesso: 10/09/2018.

Outra vez, vemos a presença da intertextualidade explícita na última estrofe da supracitada canção, classificada na modalidade de citação expressa nos versos: “Então tudo vale a pena/ **Sua** alma não é pequena”, que retoma alguns versos do poema “Mar português”: “Tudo vale a pena/ **Se** a alma não é pequena”.

A intertextualidade explícita na canção “Tudo vale a pena” pode ser marcada inclusive no nível 4 da teoria de Bazerman (2011), que trata sobre a citação direta e referência textual, pois o intertexto apoia-se em certos tipos reconhecíveis de linguagem e de estilo dos versos do poema de Pessoa. Nesse ponto, constatamos que as tipologias convergem, porquanto a referência textual de Bazerman (2012) possui uma amplitude que contempla o texto fonte do autor.

Quadro 9 – Quadro de comparação teórica da explicitude intertextual na canção “Tudo Vale a pena” do portal “português.com”.

INTERTEXTUALIDADE EXPLÍCITA	
Koch, Bentes e Cavalcante (2012)	Bazerman (2011)
Citação	Citação direta Referência textual

Fonte: A pesquisa.

Outra diferença entre a introdução deste portal e o anterior “mundoeducacao.com” é que neste último a relação intertextual explícita do cartaz se

caracteriza nos planos verbal e verbo visual; enquanto que na canção “Tudo vale a pena”, a intertextualidade ocorre através do predomínio da linguagem verbal.

A repetição das tipologias intertextuais expostas nos quadros 7 e 9, fez com que direcionássemos as investigações para a construção de sentidos dos intertextos, uma vez que não basta a exposição das tipologias de intertextualidade, é necessário explicar as várias possibilidades de compreensão que perpassam a intertextualidade.

No primeiro conjunto de gêneros do portal “educação.português”, a relação intertextual entre o texto fonte “Mar Português” e o intertexto “Tudo Vale a Pena” indica uma plausível exaltação do povo português pelas grandes vitórias ocorridas durante a expansão marítima no século XVI, isto é, os dias de glória dos portugueses durante esse período criaram um possível sentimento nacionalista, em que tudo valeu a pena para o povo que teve coragem e ambição de vencer as tenras batalhas.

A citação ou referência textual “então tudo vale a pena, sua alma não é pequena”, relacionada aos demais versos na canção, indicam ironicamente as desigualdades sociais nas comunidades cariocas, pois o povo sobrevive através da labuta árdua do dia-a-dia, sacrificando a vida na luta pela sobrevivência. Contudo, apesar de todo esse sacrifício, a mensagem parece ser de otimismo e esperança, refletidos nos versos que representam a voz de todos os que acreditam que “a alma não é pequena”, e, por isso, “tudo vale a pena”, seja com um sorriso no rosto, seja com a força de vontade de vencer as lutas diárias através da força de trabalho.

Ainda no portal “educação.português”, observamos outra relação intertextual no segundo conjunto de gêneros da figura 11, trata-se do texto fonte “No meio do caminho” de Carlos Drummond de Andrade e o cartum “Vida de passarinho”.

Nesse ponto, cabe uma ressalva, embora a professora não tenha explicado as tipologias intertextuais na primeira parte do portal, ela inovou ao expor o cartum como exemplar de intertextualidade, pois ao contrário dos gêneros literários anteriores, em que a intertextualidade se fez presente pela linguagem verbal, no cartum “Vida de passarinho” (figura11), a relação intertextual ocorre concomitantemente nos planos verbo-visual.

Figura 11 – Cartum “Vida de passarinho” e poema “No meio do Caminho”.

RELAÇÃO ENTRE TEXTOS CITAÇÃO PARÓDIA PARÁFRASE CAIU NO ENEM

É importante considerar que a intertextualidade pode ocorrer entre textos de mesma natureza ou de naturezas diferentes.

Vida de Passarinho CAULOS

UMA PEDRA NO MEIO DO CAMINHO!

E AGORA?

SE EU TIVESSE TALENTO FARIA UM BELO POEMA.

MAS EU...

...SOU APENAS...

...UM PASSARINHO PRÁTICO.

(Vida de passarinho. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1995. p. 47.)

Cartum - Vida de passarinho (Foto: Reprodução)

Veja, por exemplo, que o cartum de Caulos tem como texto fonte o poema No Meio do Caminho de Carlos Drummond de Andrade, de 1930.

*No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra.*

Fonte: <http://educacao.globo.com/portugues/assunto/estudodotexto/intertextualidade.html>.
Acesso: 29/10/2018.

Esta afirmação no portal (figura 11) “é importante considerar que a intertextualidade pode ocorrer entre textos da mesma natureza ou de naturezas diferentes” indica a preocupação em explicar a intertextualidade no plano verbo-visual. Entretanto, Koch, Bentes e Cavalcante (2012) não dispuseram sobre esse aspecto, as autoras explicaram as tipologias da intertextualidade através de textos verbais.

Acontece que a Linguística Textual atualmente tem investigado a intertextualidade nos planos verbais, verbo-visuais e mistos, de modo que podemos discutir a citação “uma pedra no meio do caminho” expressa no cartum (figura 11), comparando-a a intertextualidade do cartaz disposto na figura 6.

O que há em comum entre a intertextualidade do cartum (figura 11) e a do cartaz (figura 6) é novamente a explicitude intertextual como citação e citação direta, mas ambos diferem no que tange ao modo como essa citação ocorre. Então vejamos.

No cartaz (figura 6), a citação encontra-se no plano verbal “João amava Teresa que amava Raimundo (...)”. Os elementos visuais (as fotos de pessoas) representam possíveis personagens que aparentemente contribuem para os sentidos da intertextualidade, mas esta se depreende pela mensagem verbal. Em outras palavras, porquanto presente o elemento visual, a intertextualidade do cartaz não está “marcada” nas fotos, mas nas mensagens abaixo delas.

No cartum (figura 11), a citação pode ser compreendida tanto no plano verbal quanto no visual, pois a expressão “Uma pedra no meio do caminho”, no segundo quadrinho, remete a ideia expressa também na linguagem visual – em que o passarinho se vê diante de um empecilho que é a pedra – de modo a sugerir uma reflexão “e agora?” O passarinho continua sua fala no terceiro quadrinho “Se eu tivesse talento, faria um belo poema”, esta fala consiste em uma referência textual ao poema de Carlos Drummond de Andrade. Em seguida, vemos no plano visual, que a ave tenta retornar, mas lembra que seu talento é voar, e, mesmo sem asas, ela ultrapassa a pedra à sua frente.

Marcamos no quadro 10 a citação nos planos verbo-visual do cartum, e deixamos de lado essa marcação na citação direta. Alguém poderá questionar a ausência. Então, afirmamos desde já que embora Bazerman (2011) aborde a intertextualidade nos textos, esse autor considera também a intertextualidade na

relação entre gêneros, logo, não teria lógica colocarmos o aspecto visual ao lado da citação direta.

Quadro 10 – Quadro de comparação teórica da explicitude intertextual no cartum do portal “português.com”

INTERTEXTUALIDADE EXPLÍCITA	
Koch, Bentes e Cavalcante (2012)	Bazerman (2011)
Citação (planos verbal e visual)	Citação direta Referência textual


Fonte: A pesquisa.

Apesar da docente não ter explicado detalhadamente as tipologias intertextuais na primeira parte do portal “educação. português”, vemos na segunda parte deste, que ela separou as explicações das tipologias intertextuais em: citação, paródia e paráfrase, explicando cada tipologia a partir de textos e gêneros diversificados.

Na figura 12, notamos a afirmação de que a citação se encontra marcada por “aspas” no seguinte intertexto: “Do pó vieste, ao pó voltarás”, o qual reproduz o texto fonte bíblico expresso no livro de Gênesis (capítulo 3, versículo 19) da Bíblia.

A docente afirma ainda que “a compreensão adequada de um intertexto depende, naturalmente, do conhecimento do texto fonte”; nesse caso, outra vez ela expõe como exemplo de intertextualidade um texto literário, entretanto, este se distingue dos textos literários anteriores por referir-se a um anúncio publicitário da empresa Chevrolet.

Figura 12 – Concepção de Citação.

RELAÇÃO ENTRE TEXTOS	CITAÇÃO	PARÓDIA	PARÁFRASE	CAIU NO ENEM
	<h2>CITAÇÃO</h2>  <p>Chevrolet S10, Tricampeã do Rally Internacional dos Setões: 2000/2001/2002</p> <p>"DO PÓ VIESTE E AO PÓ VOLTARÁS." PRINCIPALMENTE SE FORES CONCORRENTE DA S10.</p> <p>CHEVROLET S10 CONTE COMIGO</p> <p>Propaganda Chevrolet (Foto: Reprodução)</p>			
	<p>Esse procedimento intertextual acontece quando um texto reproduz outro texto ou parte dele. Para sinalizar que houve a reprodução de outro texto, são utilizados alguns marcadores, como as aspas. Dessa forma, o texto deixa claro que o trecho ou o texto citado foi tirado de outra fonte.</p> <p>A compreensão adequada de um intertexto depende, naturalmente, do conhecimento do texto fonte. No exemplo dado, a propaganda buscou inspiração no texto bíblico "Do pó vieste e ao pó voltarás", marcando sua reprodução por meio de aspas.</p>			

Fonte: <http://educacao.globo.com/portugues/assunto/estudodotexto/intertextualidade.html>.
Acesso: 29/10/2018.

Concordamos com a assertiva exposta no portal de que o conhecimento do texto fonte, a citação bíblica “do pó vieste e ao pó voltarás”, é importante para a construção de sentidos do anúncio publicitário. Dizemos mais, a compreensão dessa intertextualidade explícita pela linguagem verbal também está atrelada a imagem do carro S10 em movimento na terra, levantando poeira. Trata-se de uma citação marcada no plano verbal que, aliada aos componentes visuais do anúncio, produz um teor persuasivo com o intuito de fazer os consumidores comprar o “melhor” carro da empresa Chevrolet.

Relativamente à citação “para sinalizar que houve a reprodução de outro texto, são utilizados alguns marcadores, como as aspas”, faltaram explicações de que as aspas consistem em um dos aspectos pertinentes na marcação da citação direta, mas não constituem por si só, elemento caracterizador desse tipo de intertextualidade.

A citação pode ser percebida pelas aspas, por travessões, sinais de dois pontos ou outros marcadores que indiquem se tratar do texto de outrem citado diretamente no intertexto.

No tocante à explicação da paródia, exposta na figura 13, percebemos o seguinte conceito: “consiste em uma subversão ao texto fonte, recriando-o de maneira satírica ou crítica. Dizendo de outra maneira, a paródia ironiza o texto original e inverte seu sentido”. Esta assertiva encontra-se incluída no conceito proposto por Koch, Bentes e Cavalcante (2012), por esse motivo, nesse ponto, verificamos a presença da teoria sobrepor-se ao senso comum.

Figura 13 – Concepção de Paródia.

RELAÇÃO ENTRE TEXTOS	CITAÇÃO	PARÓDIA	PARÁFRASE	CAIU NO ENEM
PARÓDIA				
<p>A paródia consiste em uma subversão ao texto fonte, recriando-o de maneira satírica ou crítica. Dizendo de outra maneira, a paródia ironiza o texto original e inverte seu sentido. “Canção do exílio” (1847) é um dos textos mais parodiados da cultura brasileira, exercendo sua influência por várias gerações.</p> <p><i>Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá; As aves, que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá.</i></p> <p>Agora, leia parte da paródia composta pelo humorista e apresentador Jô Soares:</p> <p><i>Minha Dinda tem cascatas Onde canta o curió Não permita Deus que eu tenha De voltar pra Maceió. Minha Dinda tem coqueiros Da Ilha de Marajó As aves, aqui, gorjeiam Não fazem cocoricó.</i></p> <p>No poema de Gonçalves Dias, do final do século XIX, o eu lírico deseja cantar a saudade que sente de sua terra natal, o Brasil, enfatizando seus encantos e belezas naturais. O texto de Jô Soares, do final do século XX, desconstrói o sentido do texto original, já que o eu lírico quer distância da terra natal, pois prefere as mordomias da Casa da Dinda, como ficou conhecida a residência oficial do Presidente da República na época, Fernando Collor de Mello.</p> <p>Através da paródia, Jô Soares faz uma crítica aos escândalos de corrupção do governo, que culminaram no processo de “impeachment” do presidente.</p>				

A paródia criada pelo humorista Jô Soares (figura13), intitulada “Canção do exílio às avessas”, tem como texto fonte o poema “Canção do exílio” de Gonçalves Dias. Esse poema configura-se em um dos textos mais reverenciados pelos autores brasileiros, e serviu, inclusive, de exemplar para as explicações parodísticas na obra de Koch, Bentes e Cavalcante (2012) sobre a intertextualidade.

Novamente, estamos diante de exemplos de textos e gêneros predominantemente literários, onde a implicitude da intertextualidade se manifesta pela subversão ao texto fonte para provocar humor no intertexto. Esta implicitude intertextual implica no movimento através dos contextos/recontextualização proposto por Bazerman (2011), em que a alteração vocabular do intertexto “Minha dinda tem cascatas”, por exemplo, reconstrói um novo contexto no poema de Jô Soares.

A paródia de Jô Soares implica na mudança de sentidos, visto que o eu lírico encontra-se distante da sua terra natal, Maceió, e segundo o disposto no portal, ele prefere as mordomias da casa da Dinda (residência presidencial), logo, não tem possíveis intenções de retornar à sua terra natal; ao contrário do eu-poético da “Canção do exílio”, que sente saudades de seu país de origem, e deseja regressar ao Brasil em breve.

Essa variação de sentido que a paródia provoca, entendida pela subversão ao texto fonte, deve-se à alteração vocabular “Dinda”, “curió”, “Maceió” e aos versos que se iniciam com “minha”, “onde canta” e “As aves, aqui, gorjeiam”. No movimento através do contexto, Jô Soares satiriza a situação política e o impeachment do ex-presidente Collor de Melo, primeiro presidente eleito democraticamente no Brasil em 1989.

O uso dos versos “minha Dinda tem conqueiros/ Da ilha de Marajó” no poema indica os possíveis favores pessoais que o ex-presidente detinha na capital federal e que não queria perdê-los.

A partir do que foi discutido, reiteramos as informações do quadro 8, e demonstramos a comparação teórica da intertextualidade implícita na figura 13 da seguinte forma:

Quadro 11 – Quadro de comparação teórica da implicitude intertextual no poema de Jô Soares no portal “português.com”.

INTERTEXTUALIDADE IMPLÍCITA	
Koch, Bentes e Cavalcante (2012)	Bazerman (2011)
Paródia	Movimento através dos contextos/recontextualização

Fonte: A pesquisa.

A paródia e o movimento através dos contextos consistem em tipologias intertextuais aparentemente próximas, assim é possível perceber que no intertexto onde elas estão inseridas há mudança de sentidos que revelam crítica ou sátira.

Em relação ao conceito de paráfrases na figura 14, vemos a proximidade com o conceito de comentário intertextual de Bazerman (2011), onde há a afirmação “fazer paráfrase significa reproduzir as ideias de um texto, só que utilizando outras palavras, dentro de uma nova montagem”. Este conceito assemelha-se ao que propôs teoricamente Koch, Bentes e Cavalcante (2012), e ajusta-se a ideia de que o autor discute ou avalia outro texto.

Figura 14 – Concepção de Paráfrase.

PARÁFRASE

Fazer uma paráfrase significa reproduzir as ideias de um texto, só que utilizando outras palavras, dentro de uma nova montagem. É o recurso intertextual que se faz presente, por exemplo, em resumos, atas e relatórios, que fazem parte do nosso cotidiano.

Veja um exemplo de paráfrase da tão parodiada “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias:

*Meus olhos brasileiros se fecham saudosos
Minha boca procura a “Canção do Exílio”.
Como era mesmo a “Canção do Exílio”?
Eu tão esquecido de minha terra...
Ai terra que palmeiras
onde canta o sabiá*

Perceba que o poema “Europa, França e Bahia”, de Carlos Drummond de Andrade, estabelece um diálogo com o texto de Gonçalves Dias, mas não tem uma intenção satírica – é uma paráfrase.

Fonte: <http://educacao.globo.com/portugues/assunto/estudodotexto/intertextualidade.html>.

Acesso: 29/10/2018.

Na paráfrase, o texto fonte e o intertexto aproximam-se, pois há uma reprodução das ideias do primeiro através de uma alteração frástica no segundo. Desse modo, a aproximação entre o texto fonte “Canção do exílio” de Gonçalves Dias e o intertexto do poema “Europa, França e Bahia” de Drummond estabelece uma alteração das frases dos versos “Minha terra tem palmeiras/ Onde canta o sabiá” para “Ai terra que palmeiras/ Onde canta o sabiá”. Nestes últimos versos, a paráfrase compreendida pelos vocábulos “Ai terra” parece remeter a linguagem informal do eu lírico em sua terra natal.

A docente explica no final da figura 14 que a paráfrase “estabelece um diálogo com o texto de Gonçalves Dias, mas não tem intenção satírica”, concordamos nesse ponto com o exposto no portal, uma vez que a comicidade e a sátira são características da paródia e não da paráfrase.

Como se trata de intertextualidade implícita, a referida paráfrase relaciona-se à tipologia “comentário intertextual” através do refazimento do texto fonte, e efetiva-se por meio de comentários do eu lírico no intertexto do poema “Europa, França e Bahia”.

As paráfrases ou comentários intertextuais, tal como qualquer tipo de intertextualidade, modificam o sentido do intertexto. E essa alteração, efetivada pelo comentário intertextual, não se trata de cópia de ideias, mas de novas “frases” oriundas do texto fonte que geram mudanças “frásticas” no intertexto. Sendo assim, marcamos a aproximação teórica da tipologia da intertextualidade implícita da seguinte forma.

Quadro 12 – Quadro de comparação teórica da implicitude intertextual no poema “Europa, França e Bahia” no portal “português.com”

INTERTEXTUALIDADE IMPLÍCITA	
Koch, Bentes e Cavalcante (2012)	Bazerman (2011)
Paráfrase	Comentário intertextual

Fonte: A pesquisa.

A paráfrase e o comentário intertextual revelam uma implicitude um tanto mais perceptível do que a paródia e o movimento através dos contextos, nestes as relações implícitas necessitam de maior esforço para compreensão; naquelas, podemos

visualizar as “frases” do texto fonte de modo mais tangível, o que nos indica que a implicitude intertextual das paráfrases pode estar vinculada a percepção das frases dos textos fontes nos intertextos.

Esse aspecto das paráfrases nos intertextos verbais reporta-nos à curiosidade de como podemos visualisá-las nos textos verbo visuais ou tão somente visuais, e se isso é possível nesses tipos de textos.

Portanto, nessa abordagem da segunda parte do portal “portugues.com”, verificamos também o predomínio de explicações da intertextualidade com base em textos literários, apesar de conter um exemplar de anúncio publicitário (figura 12) com elementos visuais.

O portal em questão inova ao trazer os exemplares de gêneros expostos, mas regride nas propostas de debater o tema intertextualidade porque se atém aos textos verbais literários.

Por conseguinte, ao direcionarmos as análises para o terceiro portal “brasilecola.com”, observamos na figura 15 a afirmação de que a intertextualidade pode ser classificada em dois tipos: intertextualidade explícita e intertextualidade implícita.

Esse portal organiza, pois, os dois exemplares de anúncios publicitários, primeiro, com a exposição do anúncio da empresa “Hortifruti”, classificado como intertextualidade explícita; segundo, com a apresentação do anúncio da empresa “Nestlé”.

Após analisarmos o conceito disposto no primeiro parágrafo do respectivo portal (figura 15), detectamos que as explicações dos parágrafos seguintes se referem às informações sobre citações e referências textuais no que tange a intertextualidade explícita; a paródia e a paráfrase quanto à intertextualidade implícita. Entretanto, não vemos o detalhamento destas explicações no portal abaixo.

Figura 14 – Intertextualidade Explícita e Intertextualidade Implícita.

Brasil ESCOLA Procure no site



Você já deve ter percebido que as relações dialógicas entre textos é um conceito inerente à intertextualidade e que, quanto mais lemos e conhecemos os textos fontes, mais inferências somos capazes de realizar. Um texto pode apresentar diversas vozes, para as quais damos o nome de polifonia, que nada mais é do que as referências presentes nas entrelinhas do texto. Muitos escritores e compositores utilizaram esse recurso na construção de paródias, paráfrases ou citações. Como é um conceito amplo e passível de classificações, a intertextualidade pode ser classificada em dois tipos principais: intertextualidade explícita e intertextualidade implícita.

Na **intertextualidade explícita** ocorre a citação da fonte do intertexto, encontrada principalmente nas citações, nos resumos, resenhas e traduções, além de estar presente também em diversos anúncios publicitários. Nesse caso, dizemos que a intertextualidade localiza-se na superfície do texto, pois alguns elementos nos são fornecidos para que identifiquemos o texto fonte. Observe um exemplo:



A intertextualidade, quando explícita, fornece ao leitor diversos elementos que o remetem ao texto fonte

No anúncio publicitário utilizado no exemplo, há uma forte referência ao texto fonte, facilmente identificada pelo leitor através dos elementos fornecidos pela linguagem verbal e pela linguagem não verbal. A composição do anúncio nos transporta imediatamente para o filme "Tropa de Elite", do cineasta José Padilha, e isso só é possível em razão do forte apelo popular da produção, que ganhou grande projeção em nossa sociedade.

Não pare agora. Tem mais depois da publicidade >



Já a **intertextualidade implícita** ocorre de maneira diferente, pois não há citação expressa da fonte, fazendo com que o leitor busque na memória os sentidos do texto. Geralmente está inserida nos textos do tipo paródia ou do tipo paráfrase, ganhando espaço também na publicidade. Observe o exemplo:



Fonte: disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/tipos-intertextualidade.html>. Acesso:

15/11/2018.

Como podemos ver na figura 15, ao contrário dos portais anteriores que fizeram suas explicações didáticas com base em textos e gêneros prioritariamente literários, este portal “brasilecola.com” expôs anúncios publicitários com textos fontes do filme brasileiro “Tropa de elite” e da canção “Mania de você”.

Nos textos dos anúncios publicitários (figura 15), a intertextualidade explícita dispõe-se tanto no plano verbal quanto no visual, e pode remeter a diferentes graus de argumentação, conforme a explicitude e/ou implicitude das relações intertextuais, bem como a maneira com que as vozes dos anunciantes são expressas.

A intertextualidade explícita segundo o produtor do portal “localiza-se na superfície do texto, pois alguns elementos nos são fornecidos para que identifiquemos o texto fonte”, em seguida expõe-se o exemplar do anúncio (figura 16) cujo texto fonte é o cartaz do filme “Tropa de elite” (figura 17).

Figura 15 - Anúncio publicitário da empresa Hortifrúti.



Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/tipos-intertextualidade.htm>. Acesso: 15/11/2018.

Figura 16 – Cartaz do filme “Tropa de Elite”



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=cartaz>. Acesso: 17/11/2018.

Concordamos com a afirmação de que intertextualidade explícita encontra-se na superfície textual do título “Horta de elite” no anúncio da empresa Hortifrúti (figura 16). Nesse caso, além das tipologias mencionadas (citação ou referência textual), podemos encontrar ainda o tipo denominado “menção”, que está presente na abordagem de Koch, Bentes e Cavalcante (2012) sob a afirmação de que outro texto ou fragmento é citado, e atribuído a outro enunciado, isto é, podemos ver a atribuição do título “Horta de elite” ao título “Tropa de elite” no cartaz do filme, e desse modo, tem-se uma menção.

Na proposta bazerniana também encontramos a tipologia “menção” quanto ao uso de estilos reconhecíveis dos textos, é o que vemos ainda no título do anúncio “Horta de elite”, o qual possui aspectos estilísticos oriundos do cartaz do filme “Tropa de elite”. Sob essa configuração, afirmamos que a menção no título do anúncio “Horta de elite” é marcada nos planos verbal e visual.

Sendo assim, organizamos o quadro 13 abaixo para mostrar a coincidência entre essas tipologias.

Quadro 13 – Quadro de comparação teórica da explicitude intertextual no anúncio publicitário da empresa “Hortifruti” no portal “brasil.escola.com”.

INTERTEXTUALIDADE EXPLÍCITA	
Koch, Bentes e Cavalcante (2012)	Bazerman (2011)
Menção (verbal e visual)	Menção

Fonte: A pesquisa.

A menção “Horta de elite” ao texto fonte “Tropa de elite” pode ser compreendida pela disposição visual do anúncio da empresa “Hortifruti”, onde traz como figura central um tomate com uma boina semelhante à do personagem principal do filme “Tropa de elite” – Capitão Nascimento. Podemos dizer que essa menção, por conter alterações vocabulares no título do respectivo anúncio, configuraria inclusive um *detournement*, verbalmente disposto, a fim de indicar que se trata da possível “mais” potente horta.

Além disso, o respectivo portal poderia ter exposto outro texto fonte, a canção “Tropa de elite” do grupo musical Tihuana:

Tropa de Elite
 "Agora o bicho vai pegar!"
 Tô chegando aí bixo
 Tô chegando e é de bixo
 Pode parar com essa história
 De se fazer de difícil
 Eu tô!
 Que eu tô chegando
 Tô chegando e é de bicho
 Pode parar com essa marra
 Pode parando com isso
 Não dá bobeira não
 Cê tá na minha mão
 Segunda-feira é só história pra contar
 Não vem com ideia não
 Não quero confusão
 Mas vamo junto que hoje o bicho vai pegar
 (...)

Fonte: disponível em: <https://www.letras.mus.br/tihuana/48914/>. Acesso em: 17/11/2018.

O produtor do portal “brasilecola.com” não transcreveu a canção como exemplar de texto fonte para o anúncio da figura 16, e caso houvesse exposto a canção, a intertextualidade no anúncio “Horta de elite” seria reconhecida em um texto predominantemente verbal, mesmo o cartaz do filme garantindo o teor visual à intertextualidade do anúncio.

Podemos afirmar que esse mesmo raciocínio se estende ao exemplar de anúncio publicitário da empresa Nestlé (figura 18), que tem como texto fonte a canção “Mania de você” da cantora Rita Lee.

Figura 17 – Anúncio publicitário da empresa Nestlé



Fonte: Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/tipos-intertextualidade.htm>.
Acesso: 15/11/2018.

Mania de Você
Rita Lee

Meu bem, você me dá água na boca
Vestindo fantasias, tirando a roupa
Molhada de suor de tanto a gente se beijar
De tanto imaginar loucuras

A afirmação expressa na figura 18 de que se trata de intertextualidade implícita, parece-nos inadequada, pois o título do anúncio “meu bem, você me dá água na boca” tem como texto fonte o primeiro verso da canção “mania de você” (figura 18). Nesse

ponto, indicamos a tipologia de intertextualidade explícita sob a classificação de citação e de referência textual, as quais depreendemos-na somente do teor verbal do título. A parte visual do anúncio não explicita uma intertextualidade imagética, mas o resultado daquilo que se pode fazer com o produto (um pudim).

Assim, o objetivo da intertextualidade na parte verbal do título “meu bem você me dá água na boca” é chamar a atenção do consumidor para a compra do leite condensado da empresa Nestlé, que segundo o anunciante faz o “melhor” doce.

Essas citação e referência textual consistem em uma estratégia argumentativa que orienta discursivamente o anúncio para a venda e consumo do produto. Tal proposta é discutida em Koch (2016), e Cavalcante (2016) quando as autoras explicam a intertextualidade relacionada a teoria da argumentação.

O aspecto argumentativo como construção de sentidos nos intertextos pode ser objeto de outras pesquisas que se dediquem a analisar a intertextualidade nos planos formais e funcionais dos textos, além da mera investigação da intertextualidade como classificação em tipologias intertextuais.

Portanto, encerramos essas análises com a constatação geral de que as tipologias intertextuais explicadas nos portais seguem pouco o aparato científico, embora mantenham uma determinada proximidade teórica com a abordagem classificatória de Koch, Bentes e Cavalcante (2012) e de Bazerman (2011).

Ademais, mediante os resultados encontrados, finalizamos a presente pesquisa com as considerações finais que dispõem algumas reflexões acerca das descobertas feitas neste trabalho, como também sugestões para futuras pesquisas que se dediquem a investigar a intertextualidade em ambientes digitais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho o objetivo geral foi investigar os conceitos e tipologias da intertextualidade em três portais educacionais. Com esse intuito, destacamos como orientação teórica os postulados de Bakhtin (2016), Marcuschi (2008), Koch, Bentes e Cavalcante (2012), e Bazerman (2011); a partir desses autores analisamos como os conceitos e tipologias intertextuais foram explicados nos portais.

As análises realizadas demonstraram que no primeiro portal “mundoeducaçao.bol” os conceitos foram explicados de modo confuso e sucinto, distanciando-se da proposta teórica da LT. O conceito encontra-se atrelado à noção de Dialogismo, e, em outro momento é explicado como relações dialógicas pela docente, no entanto, ambas as expressões não devem ser confundidas como sinônimas de “diálogos entre textos” de Koch, Bentes e Cavalcante (2012) ou como “relações explícitas e implícitas entre textos” de Bazerman (2011). Em decorrência dessa confusão teórica, sugerimos um conceito de intertextualidade que contemple as relações intertextuais explícitas e implícitas nos textos.

Apesar da abordagem sucinta e confusa sobre a intertextualidade no portal “mundoeducacao.com”, percebemos a preocupação da docente em reforçar a ideia de que a intertextualidade ocorre em textos e exemplares de gêneros distintos, mesmo sem respaldar teoricamente as suas explicações didáticas.

Ademais, observamos que os exemplares de textos e gêneros dispostos nos portais, de modo geral, são predominantemente literários, o que remete a ideia pioneira de investigação da intertextualidade com base em textos literários. Todavia, os estudos sobre esse fenômeno têm passado por mudanças para atingir textos não verbais ou mistos, inclusive a investigação da intertextualidade a partir de diversos gêneros textuais.

A posição que assumimos nas análises dos conceitos da intertextualidade nos portais educativos é a de que o conceito recepcionado pela LT aborda a interdiscursividade, e as relações intertextuais devem considerar concomitantemente os intertextos e interdiscursos em uma relação equitativa e não de sobreposição entre esses aspectos. Essa conclusão foi gerada pela observação das expressões “Você sabe o que é intertextualidade? A influência de um texto em outro”.

Ao investigarmos o segundo portal “educação.português” vimos o conceito: a intertextualidade ocorre “quando o texto retoma parte ou totalidade de outro texto – texto fonte”. Em seguida, a professora menciona os exemplos de intertextualidade, em que os textos “mais reverenciados pela literatura” são retomados por autores brasileiros. Novamente nesse segundo portal o conceito de intertextualidade vincula-se a abordagem em textos verbais e literários, tal como ocorria nos primórdios da investigação das relações intertextuais. Entretanto, os textos imbricam-se de tal forma, que ao estudarmos a intertextualidade parece impossível desvinculá-la do estudo dos discursos e dos diversos gêneros.

No caso do conceito de intertextualidade que trata da retomada de parte ou totalidade de textos fontes específicos da Literatura, esta afirmação enfrenta uma generalização conceitual, pois orienta os leitores a compreenderem a intertextualidade na perspectiva literária, como se apenas textos literários pudessem ser retomados no intertexto, o que não compactuamos.

Ainda no segundo portal a docente explica que a intertextualidade se revela através da relação entre dois textos, distantes no tempo e no espaço, que dialogam entre si. Trata-se de outra afirmação equivocada, pois não são os textos que se encontram distantes no tempo e no espaço, mas os propósitos comunicativos e discursivos que se “distanciam”.

A concepção de intertextualidade no terceiro portal “brasilecola.com” não segue uma abordagem teórica conceptual específica, pois o conceito está disposto com base na relação entre vozes. Embora existam estudos da intertextualidade no aspecto da abordagem polifônica, o conceito proposto nesse portal encontra-se na perspectiva da teoria da Polifonia, que poderá ser estudado em futuras pesquisas.

No que diz respeito as análises das tipologias intertextuais, introduzimos as investigações a partir da intergenericidade proposta em Marcuschi (2008) que, ao fazer a relação entre textos, discursos e gêneros, estabeleceu uma proximidade teórica da LT e Análise do Discurso para fins de investigar essa relação, a qual não foi bem aceita por Nobre (2014). Este pesquisador priorizou analisar a intertextualidade em sua “materialidade textual”, optando por não adequá-la ao viés discursivo e genérico.

Assim, partindo das reflexões marcuschianas, realizamos análises que aproximaram as tipologias da intertextualidade da LT à Teoria dos gêneros, pois os

portais web educativos favorecem esse tipo de investigação. Seguimos as propostas da intertextualidade *stricto sensu* (intertextualidade explícita e intertextualidade implícita) de Koch, Bentes e Cavalcante (2012) e da intertextualidade explícita e intertextualidade implícita de Bazerman (2011); formulamos vários quadros comparativos, e demonstramos a proximidade teórica entre as tipologias intertextuais expostas nos portais web educativos.

A explicitude intertextual analisada nos textos que serviram de exemplares didáticos nos três portais dispõe-se em: citação, referência, menção (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012); citação direta e referência textual (BAZERMAN, 2011).

A coincidência também persistiu nas análises da implicitude caracterizada pela paródia (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012) e o movimento através dos contextos/recontextualização ((BAZERMAN, 2011); bem como da paráfrase e o comentário textual.

Embora tenhamos cumprido os objetivos desta pesquisa, ressaltamos algumas lacunas no que diz respeito ao conceito de intertextualidade e à relação com a teoria polifônica.

Outrossim, a relação das tipologias intertextuais *stricto sensu* de Koch, Bentes e Cavalcante (2012) e as intertextualidades explícita e implícita de Bazerman (2011) fez com que nos distanciássemos da perspectiva de intertextualidade *lato sensu*, mas isso não impossibilita que futuras pesquisas possam ser feitas por meio dessa categoria intertextual.

Os estudos da intertextualidade consistem em um campo vasto a ser explorado, como por exemplo, a relação entre a intertextualidade e argumentação através de análises da intertextualidade como estratégia argumentativa, e/ou orientação argumentativa, que também podem ser objetos de outras investigações.

Possibilidades inovadoras de pesquisas regem-se ainda no campo da multimodalidade, pois a intertextualidade em textos multissemióticos pode ser investigada principalmente em anúncios publicitários que servem como artefatos para influenciar os consumidores na compra de determinados produtos.

Portanto, este trabalho que no momento se encerra trouxe algumas contribuições relevantes ao processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, pois revela um descomprometimento e desconhecimento teóricos dos portais web

educativos com a temática intertextualidade, ao mesmo tempo em que dispõe de uma abordagem que possa contribuir para uma sistematização desse conteúdo no contexto educacional brasileiro.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva**: elementos para uma abordagem do outro no discurso. Campinas: IEL, 2000;

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016;

BAWARSHI, Anis S. Gênero nas tradições retórica e sociológica. In: _____. **Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino**. Tradução de Benedito Gomes Bezerra [et al.]. São Paulo: Parábola, 2013;

BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. Tradução e adaptação Judith Chambliss Hoffnagel. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011;

BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros no contexto brasileiro**: questões [meta]teóricas e conceituais. São Paulo: Parábola Editorial, 2017;

BISPO, Mirna. Dos conceitos às categorias de intertextualidade no portal web educativo “mundoeducacao.com”. **Migulim**, v.8, n. 2, 2019, p. 674-690;

_____. Equívocos no discurso sobre gêneros: In: DIONÍZIO, Angela Paiva; CAVALCANTI, Larissa de Pinho (orgs.). **Gêneros na linguística e na literatura: Charles Bazerman, 10 anos de incentivo à pesquisa no Brasil**. Recife: Editora Universitária UFPE e Pipa Comunicação, 2015;

BENTES, Anna Cristina. Linguística Textual. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (orgs.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2012;

BIASI-RODRIGUES, Bernadete; BEZERRA, Benedito Gomes. Propósito comunicativo em análises de gêneros. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v.12, n.1, 2012, p. 231-249;

BOTTENTUIT JUNIOR, J.B. **Portais Educacionais e suas características**: contribuições para o estado da arte. **HOLOS**, Ano 29, v. 3, 2013, p. 111-119;

CABRAL, Luís Rodolfo. Tratamento discursivo da intertextualidade: uma possibilidade? **Litera online**. Nº 6, 2013;

CARVALHO, Ana Paula Lima. Sobre Intertextualidades estritas e amplas. **Revista de Letras**. v. 2, n. 36, 2017;

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os Sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2017;

_____; BRITO, Maria Angélica Paiva. Intertextualidade e psicanálise. **Calidoscópico**. v. 10, n. 3, 2012, p. 310-320;

_____; BRITO, M.A.P. Intertextualidades, heterogeneidades e referenciação. **Linha d'Água**, n. 24. v. 2, 2011 p. 235-258;

_____; CUSTÓDIO, Valdinar Filho. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do Gelne**. v. 12, nº 2, 2010, p. 56-71;

_____; NOBRE, K. C.; LIMA-NETO, V. A intergenericidade como recurso humorístico. **Calidoscópico**. Vol. 9, n. 3, 2011, p. 180-187;

_____. Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual. **ReVEL**, edição especial vol. 14, n. 12, 2016;

ELIAS, Vanda Maria. Estudos do texto, multimodalidade e argumentação: perspectivas. **ReVEL**, edição especial v. 14, n. 12, 2016;

FARIA, Maria da Graça dos S. **Alusão e citação como estratégias na construção de paródias e paráfrases em textos verbo visuais**. Tese de Doutorado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2014;

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016;

_____. Interdiscursividade e Intertextualidade. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006;

FORTE, J. S. M. **Funções textual-discursivas de processos intertextuais**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, 2013;

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008;

GENETTE, Gérard. **Palimpsestes**: la littérature au second degré. Paris: Éd. du Seuil, 1982./Extratos traduzidos por Cibele Braga; Erika Viviane Costa Vieira; Luciene Guimarães; Maria Antônia Ramos Coutinho; Mariana Mendes Arruda; Miriam Vieira. Belo Horizonte, Edições Viva Voz, 2010;

IAHN, L. F. **Portal Educacional**: uma análise do seu papel para a educação virtual. Dissertação de Mestrado em Engenharia de Produção, especialização em Mídia e Conhecimento. Universidade Federal de Santa Catarina, 2001;

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Escrever e Argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016;

_____. BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade diálogos possíveis**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012;

_____. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images: the grammar of visual design**. New York: Routledge, 2006;

_____. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication**. New York: Oxford University Press, 2001;

KRISTEVA, J. **Introdução à semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1974;

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003;

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997;

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual**, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008;

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio; et. al (orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011;

MOZDZENSKI, Leonardo. A intertextualidade no video clipe: uma abordagem discursiva e imagético-cognitiva. **Contemporânea**, vol. 7, n. 2, 2009;

_____. Tese. **O ethos e o pathos em videoclipes femininos: construindo identidades, encenando emoções**. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012;

_____. Intertextualidade verbo-visual: como os textos multissemióticos dialogam? **Revista Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, 2013;

NOBRE, K. C. **Critérios classificatórios para processos intertextuais**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014;

NUNES, S. C.; SANTOS, R. P. Análise pedagógica de portais educacionais conforme a teoria da aprendizagem significativa. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, CINTED-UFRGS, v. 4, nº 1, 2009;

PIÈGAY-GROS, Nathalie. **Introduction à l'intertextualité**. Paris: Dunod, 1996. /tradução de Mônica Magalhães Cavalcante; Mônica Maria Feitosa Braga Gentil; Vicência Maria Freitas Jaguaribe/. *Intersecções*, Ano 3, N. 1, Jundiaí/SP, 2010, p. 220-230;

PINTO, Rosalice. Linguística textual e argumentação. In _____. CAPISTRANO, Rivaldo Júnior; LINS, Maria da Penha Pereira; ELIAS, Vanda Maria (orgs.). **Linguística Textual: diálogos interdisciplinares**. São Paulo: Labrador, 2017, p-267;

SANT'ANNA, José Afonso. **Paródia, paráfrase e companhia**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2003;

SANTOS, Vera Lúcia dos. **Intertextualidade e sentidos em anúncios publicitários**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de pós-graduação em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.